



UERN

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE LETRAS E ARTES - FALA/CAMPUS CENTRAL
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

MARIA LÚCIA DOS SANTOS

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM VISTAS A UMA EDUCAÇÃO
HUMANIZADORA: O GÊNERO FÁBULA EM SALA DE AULA**

MOSSORÓ - RN

2015

MARIA LÚCIA DOS SANTOS

ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM VISTAS A UMA EDUCAÇÃO
HUMANIZADORA: O GÊNERO FÁBULA EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Profa. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa.

MOSSORÓ - RN

2015

ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM VISTAS A UMA EDUCAÇÃO
HUMANIZADORA: O GÊNERO FÁBULA EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS da Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte - UERN,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Letras. Área de
concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Silvia Maria Costa Barbosa (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^a. Dra. Luciana Dantas Mafra
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Aos meus pais camponeses humildes que cultivaram a terra, o amor, respeito e gratidão a Deus.

À minha mãe Francisca Gomes dos Santos (in memoriam) que mais do que sábias palavras, tinha sempre sábias atitudes.

À minha mãe (adotiva) Olindina Câmara (in memoriam) cuja sabedoria e visão futurista me apontaram caminhos e deram lições que ainda me acompanham

A todos os mestres, o meu respeito, gratidão e admiração.

Em especial a minha filha Clarice, que sempre teve que abdicar do meu cuidado e proteção, em função do meu trabalho e estudo, recebendo tão somente “pingos de tempo” que me era possível lhe dispensar. Fato que por vezes a fez reclamar de forma poética e inusitada: “Mae, a mãe de Louise quando busca ela, ainda tem luz. Por que você só me busca quando já veio a estrela? Essa reclamação sempre me assalta quando nas noites claras a lua vai alta e as estrelas povoam o céu azul .

Retificando: Dedico este trabalho a minha filha Clarice (quando criança).

AGRADECIMENTOS

Ao criador de todo o Universo, que nos deu um sopro de vida, que se sobrepõe a tudo e a todos e sempre nos acolhe de braços abertos.

A todos os mestres, aos que já foram aos que são e àqueles que ainda estão por vir. Viver é um constante aprendizado.

Aos professores do PROFLETRAS, pela dedicação, ensinamentos, incentivo e disponibilidade em nos ouvir e colaborar.

Especialmente a professora Dra. Silvia Maria da Costa Barbosa, pela atenção, disponibilidade incentivo e confiança. Contar com a sua orientação em momentos difíceis fez toda diferença.

Prof. Dr. Jose Roberto pela disponibilidade, pelas sábias orientações, incentivo e confiança.

Aos colegas do Mestrado PROFLETRAS Mossoró, os quais, cada um a sua maneira, tornavam nossos encontros, momentos de aprendizado, companheirismo e alegria.

A professora Ana Carvalho que contribui lendo meu trabalho e me deu contribuições valiosas, meu agradecimento.

A Candice, secretária do PROFLETRAS, sempre solícita e pronta a colaborar.

A Escola, onde desenvolvi minha pesquisa, obrigada pela compreensão e colaboração.

A todos os meus alunos, aos que já foram aos que são e aos que ainda serão. Especialmente aos participantes da pesquisa.

A toda minha família, onde busco apoio e compreensão, e sempre encontro.

No caminho, muitos amigos eu encontrei, a eles agradecimento especial.

Claudia Roberto S. de Macedo pela disponibilidade em ouvir e colaborar com esse trabalho.

Jessica Mendes pelo apoio e discussões sobre o tema.

Gleydson Freitas que dedicou horas dos seus dias na tarefa de colaborar com as questões técnicas.

A todos os amigos, Anjos do caminho, incontáveis são.

“Se educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”. (FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho ocupa-se de questionar e refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa na sociedade atual. Nosso objetivo é refletir de que maneira o ensino aprendizagem dessa área pode contribuir para uma educação humanizadora, sem, no entanto, prescindir dos conteúdos específicos, dos quais precisa se apropriar o educando. Sendo condição essencial para o ensino da língua materna, a utilização dos gêneros do discurso, ou gêneros textuais, consideramos de enorme valia para nosso objetivo, utilizarmos o gênero fábula, como aliado nesse desafio, por ser uma opção do aluno e por entendermos encontrar-se nele, requisitos essenciais ao objetivo de nossa pesquisa. Sendo a fábula dotada de ludicidade, proporciona leituras agradáveis, trazendo ensinamentos e lições de vida. Através dos textos, discutimos e abordamos diversos conteúdos além de oportunizar ao aluno o ato de pensar, aceitar ou rejeitar ideias, pensamentos e informações que lhes são oferecidas. Para a realização desse estudo lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica, buscando respaldo em estudiosos no assunto tais como: Paulo Freire, Antônio Candido, Edgar Morin, Ruben Alves, Vygotsky, entre outros. De caráter qualitativo empreitamos uma pesquisa-ação, buscando não apenas conhecer, mas principalmente buscar estratégias de intervenção. Aplicamos questionários para diagnosticar o seu interesse pela leitura. Elegeram o gênero fábulas. Traçamos estratégias para o processo interventivo, cuja tônica é utilizar a fábula como instrumento para humanização. Nossas atividades se realizaram no decorrer de cinco aulas quando utilizamos uma sequência didática proposta por Dolz e Scheneuwly. Através de estudo dirigido, discussões, debates, buscamos perceber suas ideias, e formas de enfrentamento no que se refere às situações de cotidianidade. Podemos constatar o envolvimento e participação dos alunos por ocasião das discussões, o que evidenciava suas ideias e opiniões, através dessa interação, exercitando o respeito às ideias e opiniões alheias, o que a nosso ver, se constitui fundamental para a cidadania e, por conseguinte, no que se refere ao processo de humanização.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Humanização. Fábula.

ABSTRACT

This current work is about to question and reflection of Portuguese language teaching in nowadays society. Our objective is preoccupied about the discuss teaching way, or textual genres, considered valuable for our goal, we had utilized fable genre as our ally in this challenge, for being it a student's choice and we understand is in it the essential requirements for this area learning, contributing for an humanizing education, however, without dispense specifics contents which must be appropriated by the students. Being a primordial condition for the mother language teaching, the genres' utilization is our research object. Considering is the fable full of entertainment and fun, which make the reading pleasant, plus, bring on it teachings and life lessons. Through texts, we discuss and talk about several contents, besides, provide students the exercise to think, accept or reject ideas, thoughts and information that are offered to them. For this work paper achievement, we made a bibliographic research looking for some secure bases, such as: Paulo Freire, Antônio Candido, Edgar Morin, Rubem Alves, Vygotsky, among others. It was an action research, qualitative, seeking not only knowledge, but also, mainly strategies of intervention. We applied questionnaires in order to investigate their reading's interest. They elected the fable genre. We built strategies for the intervention process, which the main idea was the fable use as an instrument for humanization. Our activities took five classes in which we utilized a didactic sequence proposed by Dolz and Scheneuwly. Through a direct study, discussions, debates, we try to realize their ideas and ways of managing the everyday facts. We may affirm the students involvement and participation in discussions, this emphasizes their ideas and opinions, through this interaction, exercising the other's ideas and opinion respect, which in our view, is fundamental for their social conscience, consequently, for their humanization process too.

Word – keys: Education. Learning. Humanization. Fable.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alunos do 6º ano com atividades sobre fábulas.....	73
Figura 2 – Esquema de sequência didática	74
Figura 3 – Alunos sublinhando o que consideram importante em uma atividade de leitura	80
Figura 4 – Ilustração da fábula A Cigarra e a formiga	81
Figura 5 – Atividade de produção textual do Aluno 3.....	83
Figura 6 – Ilustração representando os porcos espinhos da fábula	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Questionário para identificação dos gêneros que chama a atenção dos alunos.....	70
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C.	Antes de Cristo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFLETRAS	Mestrado Profissional de Letras
RN	Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO.....	15
2.1	Sociedades pós- moderna e educação.....	15
2.2	Educação humanizadora: tecendo considerações.....	28
3	LEITURA E GÊNEROS DISCURSIVOS.....	34
3.1	Leituras: importância da leitura para a formação humana.....	34
3.2	Literaturas x formação humana: tecendo considerações.....	40
3.3	Gêneros discursivos: aliados para prática educativa.....	44
4	O GÊNERO FÁBULA NA ESCOLA: PRÁTICAS DE VALORES SOCIAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	51
4.1	Gênero fábula: conceitos e características.....	51
5	INTERVINDO NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	55
5.1	Percurso metodológico.....	56
5.2	Aula I: o estudo das fábulas.....	66
5.3	Aula II: A cigarra e a formiga: propondo reflexões.....	69
5.4	Aula III.....	76
5.5	IV: A formiga boa.....	76
5.6	Aulas V: Os porcos espinhos.....	77
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	93
	APÊNDICE A – Atividade com o texto a cigarra e a formiga.....	97
	APÊNDICE B – Atividade com a fábula a formiga boa.....	98
	APÊNDICE C – Atividade com a fábula os porcos espinhos.....	99
	ANEXO A – Plano de intervenção.....	100
	ANEXO B – Fábula a cigarra e a formiga.....	102
	ANEXO C – Fábula A formiga boa.....	103
	ANEXO D – Fábula do Porco espinho	104
	ANEXO E – Atividades sobre as fábulas: estudo dirigido.....	105

1 INTRODUÇÃO

Há que se reafirmar o quão decisivo e importante para o futuro da humanidade é a atuação do educador. Vê-se nas mãos desses profissionais seres com potencialidades latentes, que exigem cuidado, atenção, sabedoria para oportunizar a aquisição e utilização de conhecimentos, visando uma sociedade mais justa, humana e solidária. Para tal é condição essencial que sejam formados cidadãos críticos, não apenas detentores de informações, mas seres humanos conscientes dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres, sendo assim sujeitos da sua própria história, sem para isso obstruir a história do outro. A educação se faz necessária para atender as exigências do contexto no momento atual, onde se perdem as referências os valores e limites. Em meio a todos esses questionamentos busca-se compreender qual o papel e intervenção do educador como profissional desse contexto histórico e quais suas possibilidades de intervenção frente à educação?

Segundo Pires (1999, p. 27): “O mais importante do processo educacional não é informar, e sim, formar o caráter dos alunos preparando-os para viver em sociedade”. Trata-se, portanto da formação de caráter, onde sejam priorizados os valores morais, princípios éticos, a cidadania, respeito, solidariedade, o que torna a vida digna de ser vivida. O resgate desses valores é fundamental no processo educativo.

Nossa meta é refletir sobre a educação necessária para o atual momento histórico, considerando uma sociedade pós-moderna recheada de informações e extraordinários avanços tecnológicos, paralelamente uma sociedade onde são valorizadas e priorizadas as máquinas e as tecnologias, onde os valores humanos são por vezes suplantados.

Em virtude desse fato, é preocupante a situação em que se encontra o fazer pedagógico, situações de indisciplina, desmotivação, agressividade e egocentrismo, além das diversas dificuldades desafios próprios do cotidiano escolar. Nosso interesse foi intensificado quando nos deparamos com o pensamento do professor Celso Antunes que enfatiza a responsabilidade do educador no que se refere à forma que terá o futuro.

Os debates, discussões e troca de experiências vivenciadas por ocasião dos encontros ocorridos no Mestrado Profissional de Letras (PROFLETRAS) deixavam

expostas situações em comum que afligem aos educadores, de forma muito expressiva, veio reforçar nossa intenção de pesquisa com vistas a buscar formas de intervenção que minimize os entraves e favoreça melhor resultado no processo ensino-aprendizagem enfocando a humanização como algo que deve ser considerada de extrema relevância para a sociedade atual.

Diante das necessidades de melhor compreender os entraves do processo ensino-aprendizagem, bem como identificar como utilizar a língua materna com vistas a uma educação voltada para a humanização é que se definiu o tema a ser pesquisado. A desmotivação para aprender, assim como, a violência, a desreferencialização, a agressividade, fatores que podemos perceber no espaço escolar nos causam inquietudes no âmbito profissional e nos instiga a buscar estratégias para nossa prática educativa, descobrir formas de enfrentamento capazes de minimizar as dificuldades ou encontrar maneiras de com elas lidar.

A proposta é levar para o nosso espaço escolar, as teorias e experiências discutidas por ocasião dos encontros no mestrado PROFLETRAS que, sendo de cunho profissional, enfatiza a realização de uma intervenção com vistas a um melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere ao aprendizado da Língua Portuguesa.

A presente pesquisa objetiva (1) perceber o desenvolvimento do ensino da Língua Portuguesa por meio de fábulas contribuindo para o resgate dos princípios e valores humanos e como (2) colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, solidária, humanizada. Realizou-se em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, utilizando fábulas como instrumento para uma educação humanizadora, haja vista concordamos que:

As fábulas sempre atraíram a atenção das crianças, por trabalharem com o imaginário infantil, pelo uso de personagem antropomorfizados (animais com sentimentos humanos) pela ludicidade que só pode haver em algumas fábulas, enfim este gênero constitui uma forma aparentemente suave de educar as crianças (NASCIMENTO; SCARELI, 2011, p. 3).

Deduzimos, pois ser a fábula um gênero cuja principal característica é o ensinamento, a proposta de reflexão, sobre comportamento conduta, ética e valores pelos quais se devem pautar as atitudes e comportamentos humanos.

Sendo assim, o autor da fábula utiliza uma linguagem simples, clara e objetiva semelhante aquela utilizada no dia a dia, que contribui para que o educando possa

desenvolver não só a oralidade como também a sua percepção, seu senso crítico. Evidenciamos a função educativa desse gênero, haja vista os efeitos moralizantes que incita o educando a refletir, sobre o que é certo, errado, que comportamentos ou condutas podem ou não ser adotadas. Dessa forma escolhemos este gênero literário por acreditarmos na possibilidade de colaborar para uma postura ética dos jovens educandos. Por percebermos a relevância este gênero, quando se trata não só de encantar ou fantasiar, mas principalmente quando a preocupação é refletir fomentar no educando o ato de pensar, sobre princípios, valores, e comportamento humano.

Iniciamos esse trabalho, buscando conhecer e discutir sobre a sociedade, tecendo considerações acerca do atual contexto. Discorreremos sobre a inserção da educação na contemporaneidade, e sua importância para a construção de cidadãos pensantes que venham colaborar na construção de uma sociedade humanizada. O ensino da língua portuguesa se constituiu nosso maior enfoque, haja vista, ser essa a nossa área de atuação.

Abordamos os gêneros discursivos por entendermos a sua relevância no processo ensino aprendizagem. Destacamos a literatura, gênero literário, mais especificamente sobre o gênero fábula. Fato que ocorreu tanto em virtude de ter sido esta uma escolha do educando, bem como por entendermos se constituir este um importante aliado para a nossa prática educativa voltada para a educação humanizadora. Buscamos discutir o gênero fábula como instrumento ou aliado para um fazer pedagógico, voltado para a humanização.

2 SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

2.1 Sociedades pós- moderna e educação

É tempo de mudanças. É tempo de globalização, de informação e comunicação. É tempo conturbado de muitos conflitos e transformações. Transformações essas que ocorrem em escala mundial em consequência dos diversos fatores e processos que caracterizam novas realidades em seus múltiplos aspectos.

Percebe-se nesta época uma euforia tecnológica avassaladora que a todos encanta e fascina. Este é o perfil de uma sociedade do consumo, onde a individualidade e a competitividade tornam-se maior a cada dia, um contexto onde o tempo e o espaço para a convivência familiar é cada vez menor, onde o certo e o errado se confundem.

Termos como pós-modernidade, globalização, sociedade de informação, neoliberalismo tornam-se presenças constantes e indispensáveis na análise desse momento. Assim, buscando-se uma compreensão mais ampla, sobre as causas que desembocaram nesse contexto, tão complexo, torna-se necessário inicialmente um breve histórico sobre a globalização, fenômeno já amplamente difundido na sociedade atual e que assume gigantescas proporções.

Acontecimentos no campo da técnica e da política se constituíram no divisor de águas entre a primeira e a segunda Globalização: em ritmo acelerado ocorreu a industrialização da Inglaterra seguida da França, Bélgica, Alemanha e Itália. A máquina a vapor passou a integrar os transportes terrestres e transportes marítimos (barcos a vapor) surgindo uma nova época regida pelo interesse da indústria e das finanças onde a liderança desse processo foi assumida pela burguesia industrial e bancária. Questões como mudanças políticas, avanços tecnológicos, quais sejam: o trem, o barco a vapor reduzindo distâncias, o telégrafo, o telefone, aproximaram os continentes.

Estabelecendo analogias entre a pós e a modernidade Thomé (2003) comenta que valores ou princípios totalizantes da modernidade e dos séculos das luzes tais sejam: racionalidade, progresso, humanidade, ética, justiça, foram trucidados pelo prisma pós-moderno. Essa relação se constitui uma via de mão dupla. Sob o ponto de vista de Santos (1993, p. 18): “O pós-modernismo é um

ecletismo, Isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome”. Ou seja, não é algo definido, se constitui um fenômeno plural, aberto, e inacabado, apresentando formas variadas em função do campo ou setor: campo da ciência, da técnica, artes plásticas, literatura e pintura. Sendo incompleto, ocasiona opiniões diversas. O que se percebe é que a atual sociedade que abriga em seu emaranhado de relações itens como neoliberalismo, modernismo, globalização, caminha descaminhando, Vivemos um período de desreferencialização de esquecimento das referencias, dos valores, dos princípios.

A esse respeito Santos (1993) se pronuncia comentando que o pós-modernismo é um fantasma que adentrou nosso cotidiano supervalorizando o avanço tecnológico, e traz consigo uma alta tecnologia eletrônica, tanto de massa quanto individual, satura nosso dia a dia oferecendo uma imensa gama de informações, bens e serviços. Nesta era de informática que diz respeito ao tratamento computadorizado do conhecimento e de informação, são priorizadas não as coisas, mas os signos. “O motor a explosão detonou a revolução moderna e agora a um século o chip um microprocessador com um tamanho de um confete esta mostrando o réu pós-moderno com a tecnologia programando cada vez mais o nosso dia a dia”. (SANTOS, 1993, p. 9).

Ocorre uma supervalorização da tecnologia em detrimento do pensar, refletir, questionar. Os avanços tecnológicos assumem gigantescas proporções invadindo o nosso cotidiano trazendo uma serie de inovações nos mais variados aspectos. Não são necessárias as perguntas, já existem as respostas prontas. Não há necessidade de questionar, refletir ou pensar.

Diante das transformações que vêm ocorrendo em escala mundial, percebe-se que essas mudanças atingem o sistema educacional, exigindo-lhe uma adequação em diversos aspectos: tanto no que se refere aos interesses do mercado como no tocante a formação e profissionais mais preparados para as modificações que despontam de formas diversas.

Na atual realidade, de acordo com Libâneo (2001, p. 40):

A escola precisa voltar-se para as novas realidades, ligar-se ao mundo econômico, político, social, cultura, mas precisa ser um baluarte contra a exclusão social. A luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa, uma sociedade que inclua todos, passa pela escola e pelo trabalho dos professores. Propõe-se para essa escola um currículo centrado na formação geral e continuado de sujeitos pensantes e críticos na preparação

para uma sociedade técnica/científica/informacional/ na formação para a cidadania crítica-participativa e na formação ética.

As mudanças no mundo atual exigem que se compreendam melhor o mundo para nele atuar de maneira crítica, responsável e transformadora, sem, no entanto, prescindir das questões éticas, valores e princípios. Considerando o atual momento, concorda-se com Libâneo (2001, p.39) quando afirma que:

No campo da ética, o mundo contemporâneo convive com uma crise de valores, predominando um relativismo moral, baseado no interesse pessoal, na vantagem, na eficácia, sem referência a valores humanos, como a dignidade, solidariedade, justiça, democracia, o respeito à vida. É preciso a colaboração da escola para a revitalização da formação ética, atingindo tanto as ações cotidianas quanto as formas de relações entre os povos, etnias, grupos sociais, no sentido de reconhecimento das diferenças e das identidades culturais. Além disso, ao lado do conhecimento científico e da preparação para o mundo tecnológico e comunicacional é necessária a difusão de saberes socialmente úteis, entre outros, o desenvolvimento, a defesa do meio ambiente, a luta contra a violência, o racismo e a segregação social, os direitos humanos.

O autor nos chama a atenção para as questões do nosso tempo que se aprofundam, evidenciando conflitos e insatisfações. Questões que adentram o cotidiano escolar, se instalando em escolas, sala de aula, atingindo grandes proporções, e se reflete no comportamento do educando que adota uma postura de desrespeito ao ambiente, ao colega, ao professor, a escola, como um todo. Como compreender esse momento? Como pensar a ética na atual sociedade? Como a Educação pode contribuir no enfrentamento dessas situações?

A escola e o professor, em particular, têm uma responsabilidade extraordinária na formação do adolescente, no aperfeiçoamento da pessoa como ser integral. Tal aperfeiçoamento deve embasar-se em uma filosofia de vida, indispensável à formação do ser humano, nos seus diversos aspectos: psicológico, social e cultural. É preciso que se tenha a visão de que esta formação ocorre de forma contínua, em uma busca de apreensão e conhecimentos que nunca se conclui, incluindo-se todos os seres humanos, bem como educador e o educando.

Nesse contexto, Freire (2003, p.55) afirma que:

Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. Quanto maior se for tomando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte veio fazendo-se mundo e vida, existência na proporção que o corpo humano vira

corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não espaço vazio a ser enchido por conteúdos.

Percebe-se aí, a preocupação de que o homem tece o seu destino que é inacabado, por isso pode sempre aperfeiçoar-se. É livre para decidir, pensar e refletir. Com isso, as possibilidades que possuem os seres humanos de agir, intervir, tecer, destecer, construir e desconstruir. Daí, porque a fundamental relevância da postura reflexiva, visando tanto o seu bem estar quanto o daqueles que os circundam, ou seja, percebe-se ser vital a questão ética. Encerra-se assim, a questão da prática educativa, voltada ou imbuída de reflexões visando despertar no educando os referidos valores, consciente da natureza inacabada da condição humana.

Há que se pensar a relação professor e o novo modelo sócio escolar, ambos coexistindo nessa sociedade complexa, recheada de informações, repleta de contradições, onde se instala e dissemina a violência, o desrespeito, a crise ética, e que justamente, por assim ser, aberta, global, dinâmica, evolutiva, requer ou, mais que isso, exige competência de acesso, escolha, avaliação e gestão da informação oferecida, no sentido de se selecionar aquelas que se constituem conhecimento pertinente, que venham colaborar para a formação e realidade do indivíduo. Essa é uma função da escola, da Educação. Alarcão (2003, p.23) enfatiza que:

A sociedade não existe sem as pessoas, que as constituem e a vão informando. Mas, por sua vez, esta influencia a formação e a atuação das pessoas. A escola é um setor da sociedade, é por ele influenciada e por sua vez, influencia-a. Perante o mundo como ele é, quer a escola isolar-se e construir-se contra a sociedade, ou quer ser a sociedade e na macroestrutura social, ter uma voz crítica, contextualizada e situada? Almejando-se formar cidadãos que sejam sujeitos, atores críticos, necessário se faz desenvolver a competência da compreensão, embasada na capacidade de escutar, pensar, observar.

Há nas palavras da autora questionamentos sobre como a escola pretende se posicionar nesse contexto. Denota a intrínseca relação escola e sociedade afirmando a inter-relação e interdependência entre elas. Questiona sobre a que se propõe a escola; deseja participar desse momento empreitando formar cidadãos conscientes, críticos e pensantes ou se manterá isolada, afastada, distante do contexto, e assim sem contribuir para as mudanças, transformações e construção de uma nova sociedade.

Junto à escola, o trabalho docente enfrenta desafios para alcançar objetivos, são dificuldades entre as quais a (des) valorização e o (não) reconhecimento da sua prática, além das precárias condições de trabalho.

O incentivo, a valorização, salários dignos, condições de trabalho bem como a ênfase a formação continuada, não são presentes no cotidiano do educador. Segundo Perrenoud (2000, p. 155): “A formação contínua conserva certas competências relegadas ao abandono por causa das circunstâncias”. Infere-se, pois a relevância da formação contínua, para tal, necessário se faz a existência de fatores que possibilitem tal prática. Considerando-se as relações existentes entre a sociedade, educação, professor, aluno, percebe-se a importância de que a escola se constitua uma ponte entre os saberes teóricos e informais, motivando valores éticos, solidários numa perspectiva humanizadora, percebendo, viver-se um momento crítico, onde a violência é cada vez mais urbana, social, familiar, doméstica, física e psicológica.

Acredita-se ser a escola um local onde existe a possibilidade de se promover ações mais solidárias, justas, humanas e afetivas. Assim como se percebe ser a escola um local propício, para o desenvolvimento de ações que favoreçam uma educação para a paz. Vê-se de igual modo, alunos desempenharem um papel de extrema relevância, no que concerne, a redimensão de um mundo melhor, que pode ter seu início no ambiente escolar. Questiona-se: essa escola ideal é também real? Que visão o aluno tem em relação à escola, educação, professor? É possível através dela, começar a melhorar o mundo? Qual o caminho?

Recorrendo-se à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96 encontram-se definições dos objetivos da educação básica art. 22:

A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania, e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (BRASIL, 1996, p.9).

Encontra-se aí, de forma explícita as finalidades da educação básica, de oportunizar ao educando uma formação com vistas ao exercício da cidadania implícito, encontram-se fatores tais como: conhecimentos éticos, morais, noções de direito, deveres, respeito, solidariedade, visão de mundo, consciência crítica (sem os quais não se dá a cidadania). Outra preocupação é viabilizar meios para que o educando tenha êxito, não só nos estudos posteriores, como também possa ter sua

inserção no mercado de trabalho, tendo assim uma participação ativa na sociedade de produção e de consumo.

O educando: Sua visão sobre escola e sociedade

No que se refere à compreensão do aluno do ensino fundamental sobre o significado da educação e do papel da escola, da educação, na construção da sua história, no contexto atual, convém conhecer suas próprias expectativas. Por ocasião de um trabalho realizado em uma turma de ensino fundamental de uma escola Estadual de Mossoró (RN) procurou-se apreender o pensamento destes através de observação, conversas informais, bem como mediante aplicação dos questionários. Foram feitas as seguintes colocações:

- Para você, o que é escola?
- “A escola, eu acho que é o lugar que a gente, os alunos, vem para aprender alguma coisa... para saber mais”.
- Você acha que é importante vir à escola? Por quê?
- “É muito importante sim. Eu venho para aprender... A escola faz que a gente aprenda muitas coisas interessantes, aprender história, matemática, português, ter uma boa educação”.
- Quais são as coisas interessantes?
- “A gente aprender a ler, escrever, contar aprende a ter bons modos, conhece outras pessoas, faz amizades, pratica esporte”.
- Em que você acha que a educação pode lhe ajudar?
- “A escola pode ajudar muito. Ajuda em tudo... muitas coisas... sem a escola a gente não pode ser nada. Nada na vida... nem gari, até para ser gari tem que ter estudado”.
- “A escola pode me ajudar para quando eu for maior, quando eu for grande, poder arranjar um emprego para sustentar minha familiar, minha mulher, meus filhos, ganhar dinheiro... saber mais as coisas, saber fazer conta... ter uma profissão... vou ser advogado”.
- “A escola é um canto, um lugar, para a gente aprender a ler, aprender a escrever, desenhar, contar, aprender a História do Brasil, do mundo, ser educado, ter bons modos, ter amizades... com os colegas, amigos, professores... é um canto

para a agente aprender as coisas que a gente precisa saber. Também é um lugar para fazer esporte, cuidar do corpo e da saúde”.

-“A escola serve para ensinar, o que a gente precisa aprender”.

Nota-se a partir das observações e dos comentários feitos, que o educando possui uma visão da realidade na qual está inserido. Percebe viver em um mundo novo, vivendo uma nova situação, um novo contexto tendo consciência das mudanças, das novas exigências feitas pela atual conjuntura. Demonstra suas expectativas em relação à escola, esperando dela o ensino de “coisas interessantes e que agente precisa aprender”.

Infere-se, com base nas colocações feitas, o anseio do alunado por uma escola que esteja vinculada a realidade. Que atenda suas ansiedades, e possa contribuir efetivamente na sua compreensão de mundo, no seu cotidiano e conseqüentemente possa refletir nas suas escolhas, decisões e atitudes. Aflora de forma implícita a questão de se rever o currículo, conteúdos a serem ministrados e novas estratégias de ensino que possam viabilizar um melhor resultado no processo ensino-aprendizagem.

Mediante o exposto, é preciso refletir sobre e o que significa aprender? De acordo com Demo (2004, p. 15): “É preciso ter um mente o que é aprender” e continua: “Aprendizagem é processo reconstrutivo tipicamente de dentro para fora”.

Entende-se ser esta maneira interpretativa que faz a diferença na forma de ver, internalizar e processar essas informações, que se solidificam em conhecimentos diversos, mais abrangentes ou menos, uma vez que cada informação veiculada encontra em seus receptores diferentes conhecimentos prévios, distintas histórias de vida, diversificadas experiências vivenciadas, bem como os conhecimentos já solidificados. Nesse processo de seleção, construção do conhecimento, o professor exerce um papel de suma importância, ocupando um lugar de apoio, motivação, incentivo, orientação, mas ele não é o centro das atenções, não é sobre o professor que se acendem os refletores: O educando é que é o ator. É sobre ele que incide a luz. Demo (2004, p. 14) afirma:

O professor não pode pensar, pesquisar, elaborar, fundamentar, argumentar, pelo aluno. Está na biologia humana que as novas gerações precisam de todo o cuidado para que não possa desandar em tutelas, mas eclodir em procedimentos emancipatórios. Conhecimento é dinâmico reconstrutivo que exige a constituição do sujeito capaz de autonomia

Na sociedade, onde as informações, e o conhecimento, são características irrefutáveis, exige-se, do cidadão, habilidades condizentes com esta nova situação. Daí a necessidade imperiosa de que o aluno seja aprendiz e não um receptor passivo, mas em constante interação com as oportunidades que o mundo lhe oferece. É preciso algo ainda maior: é aprender a ser aprendiz, ao longo da vida. Como poetiza Gonzaguinha: “A beleza de ser um eterno aprendiz”. É vital que o educando observe o mundo, observe a si mesmo, observe a realidade e suas mutações, que se questione, duvide, faça críticas, atribuindo sentidos aos objetos aos acontecimentos e interações.

As conversas informais, as informações recebidas, as discussões, livros, revistas, jornais, podem ser vistos como instrumentos ou fontes de informações, mas é o educando que necessariamente tem de descobrir o prazer de ser uma mente ativa, não apenas passiva ou receptiva, mas reflexiva, que faça suas próprias interpretações, estabelecendo relações analógicas, refletindo e questionando, os fatos, as informações, construindo seu conhecimento, interferindo e transformando sua história. Subjacente a este modelo, existe uma abordagem pedagógica, portanto uma conotação construtiva e sociocultural. A aprendizagem, nesses termos é uma forma de lenta e paulatinamente se compreender o mundo, um processo contínuo de conhecimento e compreensão da realidade e do meio em que se vive para então melhor fazer-se uso de recursos disponíveis para nele se intervir.

Na sociedade atual, fazem-se necessárias pessoas capazes de se adaptar a qualquer situação, mas também com capacidade crítica capazes de questionar, aceitar, ou refletir sobre determinadas situações. Todo ser vivo estabelece comunicação com o seu ambiente, recebe informações em contato com a realidade e a partir daí, é capaz de reconstruir a sua visão a cerca da realidade.

Daí deduzir-se ser a educação um instrumento que pode e deve ser utilizado, para intervir, modificar e transformar o destino das pessoas e das sociedades uma vez que tem a possibilidade de viabilizar a formação de sujeitos pensantes, críticos, reflexivos, capazes de inserir-se na sociedade, tendo uma participação efetiva e afetiva, tecendo, construindo e reconstruindo suas próprias histórias.

Dentro desta complexidade não linear, entende-se a noção inspirada de Paulo Freire que “educar é exercer influência sobre o aluno, de tal modo que ele não se deixe influenciar”. (DEMO, 2004, p. 17).

Nota-se a preocupação ou o intuito de que o processo educacional seja pautado para o despertar da consciência, a reflexão crítica, oportunizando aos educando o desenvolvimento de “pensar”.

É importante que o professor consiga que o aluno saiba pensar, por que esta habilidade representa a aprendizagem que se confunde com a vida. A potencialidade dissipativa do conhecimento não pode estar a serviço apenas da elite ou de uma parte mais desenvolvida da humanidade, mas torna-se patrimônio comum porque talvez seja o maior patrimônio comum que a humanidade poderia imaginar. [...] Mais que tudo esta relação pedagógica implica sua politicidade à flor da pele: toda influência que se exerce sobre o aluno da forja da autonomia. O conhecimento está concentrado em poucas mãos, como sempre. A diferença crucial entre primeiro e terceiro mundo está em que um sabe produzir conhecimento próprio sempre renovado e outro vive de reproduzi-lo. Por isso diz-se sarcasticamente enquanto o Primeiro mundo pesquisa, o Terceiro dá aula. (DEMO, 2004, p. 31).

A transmissão acrítica de conhecimento é incoerente, uma vez que aí não seria disseminação de conhecimento, mas reprodução de informação, que embora seja extremamente relevante, não se faz suficiente para forjar a cidadania, objetivo maior do processo educacional, que tem seu embasamento na rebeldia crítica e criativa, bem como na habilidade de organização coletiva.

Conhecimento é essencialmente para o contínuo tecer/destecer, fazer/desfazer, construir/desconstruir/reconstruir um processo dinâmico, dialético evolutivo e acumulativo, não apenas um procedimento classificado de informação, aglutinadas e compiladas sem uma relação analógica entre si e em relação ao contexto em que estão inseridos.

O aluno comparece não para receber algo já pensado, pronto por parte do professor, mas para participar da engrenagem indomável do conhecimento, construindo aí sua cidadania apta a intervir em seu destino e no da sociedade. Dizem bem os educadores: educar pressupõe sempre a alternativa de uma sociedade em jogo, o futuro que vislumbramos para as novas gerações. Para a elite dominante prefere-se instrucionismo por que é na prática a educação atrelada ao mercado, encerrada na produtividade competitiva globalizada. (DEMO, 2004, p. 27).

Este é um fenômeno encontrado na sociedade contemporânea ou pós-moderna. Sabe-se haver intrínseca relação entre o conhecimento e inserção no mercado de trabalho. O desemprego em nosso país atinge alarmantes índices e, além disso, o mercado torna-se cada vez mais exigente. Requer do cidadão melhores e maiores experiências, utilizando os mais diversos critérios: faixa etária,

nível de instrução, experiências, estado civil. Somam-se aos critérios e objetivos, outros paralelos tais como: espírito de liderança, tomada de decisões iniciativas, bom relacionamento, capacidade de trabalhar em equipe, referências de trabalhos anteriores e alguma aptidão específica do trabalho ao qual se candidata o trabalhador.

Tendo conhecimento e consciência do momento que atravessa a humanidade, objetiva-se perceber que cidadão, que ser humano, que profissional, essa sociedade exige, qual o perfil do cidadão exigido por essa sociedade bem como quais as exigências do mercado de trabalho e como contribuir para que o aluno ou o cidadão possa lograr êxito na sua inserção no mercado de trabalho? São preocupações pertinentes quando se trata de entender e definir o cidadão que se quer formar ou contribuir para a sua formação.

Percebe-se que as empresas embora priorizem conhecimento, experiência e escolaridade, preocupa-se também com critérios subjetivos, ou seja, espírito de liderança e de equipe, relações humanas, participação, inter-relação pessoal, indivíduos pensantes, capazes de ter iniciativa, capacidade argumentativa e de criatividade. Aspectos esses abordados de forma implícita por ocasião de processo seletivo desenvolvido por empresa de grande porte, que visava selecionar trabalhadores para o seu quadro funcional.

Relação professor x educando: buscando a mediação pedagógica

Há que se pensar a relação professor e o novo modelo sócio escolar, ambos coexistindo nessa sociedade complexa, recheada de informação, repleta de contradições e que justamente, por assim ser aberta, global, dinâmica e evolutiva requer ou mais que isso, exige a competência de acesso, escolha avaliação e gestão da informação oferecida.

Faz-se fundamental lançar mão das mais diversas formas de linguagem seja ela: verbal, pictórica, gestual, musical cinematográfica, animação, expressão corporal que oportunize estabelecer contato e comunicação com os outros. Sobre isso se posiciona Charlot (2005, p. 78):

A educação é um triplo processo de humanização (torna-se um ser humano), processo de socialização (torna-se membro de tal sociedade e de tal cultura) e de singularização (torna-se um sujeito original, que existe em

único exemplar, independentemente de sua consciência como tal). As três dimensões do processo são indissociáveis; não há ser humano, que não seja social e singular, não há membro de uma sociedade, senão na forma de um sujeito humano, e não há sujeito singular, que não seja humano e socializado.

Percebe-se a interligação desses níveis ou processo que compõe a formação e estrutura do ser humano e que devem ser levados em consideração: o indivíduo como ser único, singular e o social, que faz parte de alguns grupos ou alguma cultura e o ser que integra a sociedade. O professor faz parte desse processo triplo: ele é formador ou partícipe da formação desse ser que é único, singular, mas que também é membro de determinado grupo, membro de uma sociedade mais abrangente. Adverte Charlot (2005, p. 78) que:

O plano teórico, não há problema, mas na prática não é tão simples, pois essas três dimensões podem entrar em conflito e, com isso, o professor passará a sofrer constantes pressões para privilegiar tal dimensão mais do que outra. Deve, pois, aceitar em sua aula uma aluna que esteja com o que chamamos de véu islâmico? Sim, por respeito às especificidades culturais. Não, pois esse véu atinge a dignidade das mulheres, portanto do ser humano, mas, sim deve aceitar, pois essa jovem tem o direito, como sujeito de escolher e de afirmar seus valores religiosos. Na verdade, não, pois ela não pode ter escolhido livremente usar o símbolo de uma submissão. E podemos continuar assim nessa partida de pingue-pongue entre humanização, socialização e subjetivação.

Vê-se um exemplo das dúvidas e dilemas que permeiam a prática educativa. No cotidiano, a todo instante, questões aparentemente menores ou questiúnculas fazem parte do fazer, pensar e repensar a prática pedagógica. Alarcão (2003, p. 32) destaca que:

O grande desafio para os professores será ajudar a desenvolver nos alunos, futuros cidadãos, a capacidade do trabalho autônomo, colaborativo, mas também o espírito crítico. Mas cuidado que o espírito crítico não se desenvolve através de monólogos expositivos. O desenvolvimento do espírito crítico faz-se no diálogo, no confronto de ideias e de práticas na capacidade de se ouvir o outro, mas também de se ouvir a si próprio e de se auto criticar e tudo isto só é possível num ambiente humano de compreensiva aceitação o que não equivale, não pode equivaler a permissividade perda de autoridade do professor e da escola. Antes pelo contrário ter o sentido de liberdade evidencia um espírito crítico e uma responsabilidade social.

Percebe-se a ênfase na necessidade de se recontextualizar a identidade dos educadores, sua formação, suas responsabilidades profissionais, bem como adaptações de organização e o papel da escola, sem esquecer, todavia que a

questão da violência, da educação, é de grande abrangência, não depende de forma exclusiva do professor, mas de um conjunto de fatores que compõe toda a sociedade.

Entende-se nessa abordagem, uma alusão feita à relação reflexiva, dialógica no tocante ao relacionamento educador X educando, pautada no respeito, liberdade e firmeza em prol da construção de saberes e conhecimentos. De acordo com Charlot (2005, p. 85, grifo do autor):

Ensinar não é somente transmitir, nem fazer se aprender saberes. É por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar um sujeito singular a acontecer. É ser portador de certa parte do patrimônio humano. É ser você mesmo, como por exemplo, do que se busca fazer acontecer: um homem *ou uma mulher* que ocupa uma posição social, que existe na forma de um sujeito singular.

Vê-se a importância do fazer pedagógico, da permanente construção, desconstrução não só da sua identidade pessoal. Considera-se o papel do professor e sua importância no terceiro milênio, mas há também que se considerar que as mudanças não se situam apenas ao nível dos educandos e dos educadores. Essas mudanças alastram-se também ao nível da organização ou instituição escolar. Práticas com essas características, agilizam a capacidade de interação com o conhecimento de forma autônoma e flexível, além de investigativa, criativa, permeada de curiosidade se constitui uma excelente ferramenta para uma preparação para uma vivência nesse mundo complexo, veloz, dinâmico e incerto, onde exige sempre novos saberes, atitudes e formas de enfrentamento.

Para tanto, sabe-se com a certeza de que não foram dadas fórmulas exatas, nem tampouco receitas mágicas, que não há um único caminho. Encerra-se aí, um ponto crucial no que se refere à aprendizagem e a educação do terceiro milênio: aprender a ser aprendente ao longo da vida. Isso vale para educandos e educadores, tendo-se ainda em mente, que o professor está inserido na sociedade (tal qual educando). São duas faces da mesma moeda: a escola, a qual precisa estar organizada de tal maneira que oportunize a criação da flexibilidade individual e coletiva. Necessário se faz que a escola pense em si própria, levando em conta a sua missão, função, papel e a metodologia, da qual lança mão para alcançar seu objetivo. É fundamental que também a escola seja reflexiva, onde se torna algo

inerente ao ser humano e requer acima de tudo, contextos favoráveis ao desenvolvimento de contextos de liberdade, associado à responsabilidade.

No que se refere à questão de ser aprendiz ao longo da vida, é condição *essencial*, considera-se o contexto no qual se insere educador, educando e a escola, todo processo educacional tendo a consciência do inacabamento, a certeza da necessidade de mudança e aprimoramento. Ter visão clara de que é preciso observar a si mesmo, os fenômenos que os rodeiam para assim melhor compreender, agir e interagir. O texto do poeta e cantor Ivan Lins evidencia tudo isso de forma poética e profunda.

Daquilo que eu sei
 Nem tudo me deu clareza,
 Nem tudo foi permitido,
 Nem tudo me deu
 A certeza...
 Daquilo que eu sei
 Nem tudo foi proibido,
 Nem tudo me foi possível,
 Nem tudo foi concebido...
 Não fechei os olhos
 Não tapei os ouvidos.
 Cheirei, toquei, provei.
 Ah! Eu usei todos os sentidos,
 Só não lavei as mãos é por isso que eu
 Me sinto
 Cada vez mais limpo!
 Cada vez mais limpo.

Percebem-se as dúvidas e as inquietações do ser humano. O questionamento sobre a não clareza do que (não) sabe. É preciso ter atitude de decisões, sócio culturais, políticos, econômicos, e não lavar as mãos. Perceber-se ainda como sujeito da sua história.

2.2 Educação humanizadora: tecendo considerações

Diante das transformações que vem ocorrendo em escala mundial, verifica-se que essas mudanças atingem o sistema educacional, exigindo-lhe uma adequação em diversos aspectos tanto no que se refere aos interesses do mercado como no tocante a formação de profissionais mais preparados para as modificações que despontam de formas diversas. Percebe-se que a escola não pode ser vista isoladamente, mas inserida em outros contextos socioculturais. Libâneo (2001, p. 40), afirma que:

A escola necessária para fazer frente a essa realidade é a que provê formação cultural e científica que possibilita o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética e pela ética. Especialmente uma escola de qualidade é aquela que inclui uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural e pedagógica.

Tem-se conhecimento das mais variadas ofertas de meios de comunicação social extraescolar, meios que veiculam as informações, entretanto a escola ainda ocupa lugar de destaque, cumprindo funções que não são providas por nenhuma outra instância. Só a escola oportuniza a formação geral básica: capacidade de ler, escrever e contar. Através da escola, o indivíduo tem acesso a formação científica, estética, ética, ocorrendo o desenvolvimento de capacidades cognitiva e operativa.

A escola é um espaço propício para oportunizar aos alunos, inúmeras possibilidades de socialização e conhecimento que, em contrapartida, necessita de um repensar escolar em relação a sua função, seus objetivos e suas reais possibilidades de ensino–aprendizagem. Há que se considerar os conhecimentos que os alunos acumularam ao longo da sua existência e trazem para sala de aula.

Os diversos meios de informações, como por exemplo, cinema, vídeos, televisão, radio e internet, jornais, revistas, bem como, as conversas informais entre amigos e observação do meio, viabilizam essa cultura paralela, uma vez que através deles o educando percebe o mundo, as pessoas, as transformações, as diferentes culturas, os diversos povos, países e que estabelecem relações analógicas, entre essas informações. Segundo Libâneo (2001, p. 40)

A escola de hoje não pode limitar-se a passar informação sobre matérias, a transmitir o conhecimento do livro didático. Ela é uma síntese entre a cultura

experienciada que acontece na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho, etc [...] e a cultura formal que é o domínio dos conhecimentos, das habilidades de pensamento.

O que se propõe é uma inter-relação entre os saberes informais e o saber escolar, tendo em vista que o aluno é detentor desses conhecimentos, práticos, vivenciados, que lhes são repassados pelas mais diversas fontes. Cabe à escola possibilitar a síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos sistematizados) e a cultura experienciada. Por isso é preciso que a escola esteja apta a articular sua capacidade de receber e interpretar informações, com a capacidade de produzi-la, a partir do educando, vendo-o não apenas como receptor, mas compreendendo-o como um ser pensante, possuidor de diversos saberes e vendo-o como sujeito do seu ser próprio conhecimento.

Entende-se que a escola precisa reconhecer-se como parte integrante nesse turbilhão de acontecimentos, e ao mesmo tempo, ter uma participação ativa nesses acontecimentos. Cañellas (1994) afirma que os alunos aprendem a atribuir significados às mensagens e informações recebidas de fora, dos meios de comunicação, da vida cotidiana das formas de educação proporcionadas pela cidade e pela comunidade.

Nota-se a teorização e a prática, favorecendo uma compreensão desses acontecimentos. Para a escola concebida como espaço-síntese, propõe-se o desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativa dos alunos, por meio de conteúdos escolares que lhes são ministrados, ou seja, é preciso viabilizar uma formação que oportunize ao educando transformar-se em um sujeito pensante. A escola de qualidade oportuniza para todos os domínios dos conhecimentos, da cultura, da ciência, da arte, paralelamente, preocupa-se com o desenvolvimento de habilidades, considerando o potencia, a cultura e os conhecimentos prévios do educando.

O desenvolvimento da criatividade, sensibilidade e da imaginação, bem como a preparação para a participação no processo produtivo, no mercado de trabalho, além da preparação para o mundo tecnológico e comunicacional, são metas propostas para a escola.

A formação para a cidadania crítica, isto é, um cidadão trabalhador capaz de interferir na realidade, participando de suas construções e das suas transformações,

compõe os quadros das metas e objetivos da escola, assim como a formação para a ética, que prioriza conhecimentos para se pensar sobre valores e critérios de decisão e ação frente ao mundo da política, da economia, do consumo, dos direitos humanos, das relações humanas, envolvendo raças, etnias, gênero, minoria, violência, segregação social, formas de exploração do trabalho humano, os trabalhos, subempregos que substituem na nossa realidade, na sociedade onde estamos inseridos.

Há uma complexa interligação no que diz respeito à motivação, ao desejo de aprender. O aprendizado implica em um processo dialético de interioridade (força internas e pessoais) e exterioridades (forças externas: educação, sociedade, escola e professor), ou seja, para aprender, é necessário fazer uso de si, disponibilizar-se, permitir-se empreender esforços, além de uma mobilização pessoal. Só se dará aprendizagem se for imbuída do desejo (de forma consciente ou inconsciente) daquele que aprende.

Só há possibilidade de ensinar a alguém que se dispõe a aprender, que se lança a esse objetivo. O educador não consegue produzir o saber no educando ou aprender por ele mesmo, apenas realizar algo (uma aula, palestra, questionamento e determinada estratégia de ensino) para que o aprendiz realize o essencial que é o trabalho intelectual, estabelecendo relações analógicas, para a efetiva aprendizagem.

Entende-se, pois que é a partir da motivação, uma força interna que move, Impulsiona o ser humano para a consecução, dos seus sonhos, ideias e objetivos, aliado ao ensino, que se dá a realização do aprendizado. Há a necessidade de uma harmoniosa relação entre esses dois lados. Relação essa que se oportuniza na escola quando se constitui em um espaço-síntese, ou seja, é preciso trazer a escola para a vida real, que a sua função seja compatibilizar conhecimentos vivenciados, informal, disponível através de meios extraescolares. Tornando assim a aprendizagem mais atrativa, oportunizando ao aluno tornar-se sujeito autônomo, crítico, consciente dos direitos e cumpridor dos deveres.

Enfatiza-se o aprender a pensar, refletindo, questionando, estabelecendo ligações, aprendendo a ser aprendente ao longo da vida e tornando-se amante do conhecimento e da sabedoria. Considerando-se as relações existentes entre a sociedade, educação, professor e educando, percebe-se que a escola se constitui uma ponte entre os saberes teóricos e informais, motivando valores éticos e

solidários em uma perspectiva humanizadora, percebendo viver-se um momento crítico onde a violência é cada vez mais frequente nas mais diversas esferas e dimensões: violência urbana, social, familiar, doméstica física e psicológica.

Acredita-se ser a escola um local onde existe a possibilidade de se promover ações mais solidárias, justas, humanas e afetivas bem como, percebe-se ser a escola um local propício para o desenvolvimento de ações, tendo em vista uma educação para a paz. Vê-se de tal modo, alunos desempenharem um papel de extrema relevância, no que concerne a redimensão de um mundo melhor, que pode ter seu início no ambiente escolar, envolvendo todos os segmentos, coautores que formam toda a comunidade escolar.

É notória a importância da educação, da escola, do educador no processo dinâmico contínuo e evolutivo que é a formação do caráter e da personalidade de educando, bem como, a importância de se constituir um fio condutor que oportunize ao educando “o pensar”, ajudando-o no processo de seleção de informações, que formarão o seu conhecimento, mas e, principalmente que uso fará o aluno desse conhecimento adquirido. Dessa forma, Santos (2004, p. 45) cita a seguinte reflexão em que:

Prezados professores: Sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver: câmaras de gás construídas por engenheiros formados, crianças envenenadas por médicos diplomados, recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas, mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados em colégios e Universidades. Assim, tenho minhas suspeitas sobre a educação. Meu pedido é: ajudem seus alunos a tornarem-se mais humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados. Eichmanns educados. Ler, escrever, e contar só serão importantes se servirem para fazer nossas crianças mais humanas.

Percebe-se aí a ênfase na formação pessoal e moral do educando. Educar não se restringe a transmissão de informações, e saberes sistematizado, mas sua tônica recai na formação da personalidade, do caráter do educando. De acordo com Pires (1999, p.29) “O maior desafio do professor (muito mais importante do que promover o aprendizado) é cultivar os valores humanos no coração dos seus alunos, tornando a vida digna de ser vivida”. Acredita-se haver uma necessidade premente do resgate de princípios, resgate das referências, de valores colocados em segundo plano, quais sejam: respeito, solidariedade, ética, valorização da vida humana, busca de uma efetiva política de não violência.

Questiona-se o papel da educação e do professor: quais as reais possibilidades de atuação? Que postura deve adotar? De quê instrumentos e meios dispõe para participar efetivamente desse processo?

O texto a seguir denota reflexões sobre essas questões:

Tenho ensinado no ginásio por dez anos. Durante todo esse tempo, entre outros, eu lecionei para um assassino, um ladrão, um pugilista, um evangelista, um imbecil. O assassino era um menino que sentava no lugar da frente e me olhava com seus olhos azuis; o evangelista era o mais popular da escola, era o líder dos jogos entre os mais velhos; o pugilista ficava parado perto da janela e, de vez em quando, soltava uma gargalhada abafada que até fazia gemer os gerânios; era um coração alegre, diria libertino, sempre com uma canção jocosa em seus lábios; o imbecil, um pequeno animal de olhar macio, dócil procurando sombras. O assassino espera a morte numa penitenciária do Estado; o evangelista está enterrado há um ano no cemitério da vila; o pugilista perdeu o olho em uma briga em Hong Kong; o ladrão, na ponta dos pés, pode ver da prisão às janelas do meu quarto; o imbecil, de olhar macio, bate com a cabeça na parede forrada de uma cela do asilo municipal. Todos esses um dia estiveram em minhas aulas e olhavam para mim, gravemente, das suas carteiras escuras e usadas. Eu devo ter sido de uma grande ajuda para esses alunos [...] Eu lhes ensinei o esquema da rima dos sonetos elizabetianos e como colocar em diagrama uma sentença completa. (SANTOS, 2004, p. 53).

Encerra-se nesse transcrito, a essência da relação educação, escola, educador, educando. Perpassa todo o contexto social, a história de vida do aluno, seu caráter, personalidade, sonhos e realizações. Percebe-se ter o autor o conhecimento do aluno (ao menos parcial ou superficial), observando-os vendo-os como seres humanos pensantes, com características diversas entre si, qualidades, defeitos, enfim, seres que tem em si, a capacidade de se tornarem agentes da sua própria história: questiona suas expectativas em relação ao educador e a escola.

Sobre isso, os PCN's definem os objetivos gerais do ensino fundamental como uma:

Capacidade relativa aos aspectos cognitivos, afetivos, físicos, éticos e estéticos de atuação e de inserção social de forma a expressar a formação básica necessária para o exercício da cidadania, nortear a seleção de conteúdos e as abordagens didáticas. Isso deve levar em consideração que o mundo atual exige das pessoas capacidade de se relacionar com diferentes dimensões da vida: trabalho, família, participação social e política, lazer e cultura. (BRASIL, 1998, p. 55).

Formar para o exercício da cidadania pressupõe a participação política de todos na definição de rumos, não apenas na escolha de representantes políticos. As

mudanças no mundo atual exigem que se compreenda melhor o mundo para nele atuar de maneira crítica, responsável e transformadora.

No atual momento histórico nos deparamos com a necessidade de inovações, mudanças no tocante ao ensino-aprendizagem. Na pedagogia tradicional havia a utilização de um ensino onde o docente ditava, escrevia e os alunos memorizavam repetiam o que liam e ouviam. Acreditava-se ser indispensável para o aprendizado a estratégia da repetição. Com o advento das escolas reflexivas, professores reflexivos, percebe-se a educação para a compreensão, que ocorre de forma diferente, organizando-se a partir de eixos que mantém uma inter-relação. Assim sendo, se faz o embasamento e conteúdos ministrados a partir de conceitos ou ideias chaves, extrapolando as matérias escolares, permitindo explorá-las para aprender a descobrir relações, interrogar-se sobre os significados das interpretações dos fatos, e continua a aprender, estabelecendo analogias. Assim, as disciplinas, escolas e conteúdos ministrados não são um ponto de chegada, mas uma referência que orienta, possibilitando uma exploração mais ampla, incerta e ousada.

Aquilo que se ensina e se aprende deve estar inserido e relacionar-se com a vida dos educandos e dos educadores, para que possa a educação viabilizar a aquisição de estratégias e conhecimentos que permitam ir além do mundo tal como se está acostumado a vê-lo e representa-lo por meio de códigos e linguagens anteriormente convencionadas e estabelecidas.

Evidencia-se a necessidade de refletir sobre a prática, o que se constitui algo de grande relevância, haja vista, o educador de hoje ser egresso de uma educação priorizada de transmissão de informações, educação conteudista, na qual a criatividade e o pensar, com vistas a compreender, interpretar e interagir possuía pouca visibilidade. A compreensão do mundo, dos fenômenos, a compreensão de si mesmo se constitui o alicerce das vivências da cidadania.

3 LEITURA E GÊNEROS DISCURSIVOS

3.1 Leituras: importância da leitura para a formação humana

A leitura se constitui uma atividade de imensurável valia na formação do ser humano. Muito se tem escrito e discutido sobre o que ela é seus objetivos e a influência que exerce sobre o comportamento humano. As opiniões são diversas, entretanto, há que se considerar que retrata, reflete ou denuncia de diferentes formas o espaço e período onde se desenrolam as ações, ou os acontecimentos. Em outras palavras, a leitura possui uma intrínseca relação com o momento, tanto no que refere ao autor, mas também e principalmente no tocante ao contexto em que se situa o leitor. Sobre isso pontua Ribeiro (2012, p. 2):

Nos dias atuais o sujeito vive numa sociedade letrada e faz-se necessário que este sujeito social compreenda o mundo que os cerca, saber ler a própria vida e nela ser protagonista torna-se uma prioridade, uma vez que pela leitura é possível não somente sua inserção no mundo globalizado como também a obtenção de uma participação ativa no meio social do qual faz parte.

Podemos compreender assim que a leitura exerce uma função social e transformadora, uma vez que oportuniza ao leitor participação ativa, tornando-se ele protagonista da sua própria história. Nessa perspectiva podemos entender essa atividade como instrumento que favorece, ou suscita o ato de pensar, a partir daí, a formação da consciência, o que se constitui indispensável para a construção da cidadania.

Analisando ou traçando um breve histórico sobre a leitura vamos nos deparar com diferentes conceitos em relação ao ato de ler. Freire (2003 p 12)) considera que: considera que a leitura do mundo precede a leitura da palavra aí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

De acordo com essa visão, primeiro se aprende a ler o mundo, se conhece o ambiente, as pessoas e tudo que nos cerca para só depois é que tem início a alfabetização e a leitura da palavra.

Desse ponto de vista a linguagem está presente no cotidiano do sujeito, mesmo antes da leitura da palavra uma vez que ele lança mão da linguagem verbal principalmente objetivando uma interação com o mundo e com o outro. Nessa

condição a leitura não pode ser considerada como pura atribuição de sentidos, mas é forçoso trabalhar a inter-relação entre o sujeito e as formas de linguagem com as quais convivem. A partir do momento em que o leitor interage com o texto bem como interage com o autor compreende e significa o seu processo de leitura. Percebe-se a relação entre a leitura e a cidadania e conseqüentemente vislumbrando a condição humana. Atentando para os PCN's vamos entender que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir dos seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem. Não se trata de extrair informações decodificando letra por letra palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências, e verificação sem os quais não é possível proficiência. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001, p. 69).

Entende-se, pois este ato como uma atividade que se realiza não só no processo de entender o que o autor se propôs a falar, vai além, invoca e traz à tona os conhecimentos prévios, correlacionando-os com a mensagem do texto. A partir disso ocorre a interação e o leitor se posiciona ativamente, quando concorda, discorda, ou acrescenta algo. Solé (1998, p.19) define leitura como: “Um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta se obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam sua leitura”.

Considera-se que a leitura está atrelada a um objetivo seja ele, distrair, preencher um momento de lazer, relaxar, procurar uma informação concreta, informa-se sobre determinado fato, etc. Percebe-se ainda a exigibilidade de um leitor ativo que processe, examine o texto. Há uma relação entre a interpretação e o nosso objetivo no que se refere ao texto lido. Solé (1998, p. 23) tece considerações, tais como:

[...] a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita e nesta compreensão intervêm tanto o texto (sua forma e conteúdo) como o leitor (suas expectativas e conhecimentos prévios). Para ler, necessitamos simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias, experiências prévias, precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidencia ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Percebemos a relação entre as habilidades de manejar ou de compreender o texto, bem como atrelar as experiências e os conhecimentos prévios para uma

leitura proficiente e significativa. Percebe-se ser a leitura algo que influencia a formação do caráter, da personalidade, influenciando, portanto, na formação do homem, o que conseqüentemente vai influenciar na construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária.

Cândido (2004, p. 182) comenta sobre o que seja humanização:

Um processo que confirma no homem traços que reputamos como essenciais, como o exercício da cidadania, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo.

Analisando o fenômeno da leitura podemos perceber a relação que se estabelece entre a leitura e a humanização quando nos damos conta de que a forma de pensar, de ver o mundo, pode ser transformada a partir de determinadas leituras.

O ato de ler é sempre de grande valia não só para a necessidade de serem detentores de informações pertinentes para aquisição de conhecimentos, mas também, para simplesmente aventurarem-se em novas histórias, novos mundos e novas situações.

Desse modo, Alves (2003, p. 68) afirma que: “As palavras nos dizem que estamos destinados a voar, a saltar sobre abismos, a visitar mundos inexistentes como pontes de arco-íris que ligam coisas eternamente separadas”.

O referido autor cita um poema onde caracteriza o mundo da leitura no aprendizado de uma criança, ou seja:

Pelo poder da palavra
 Ela pode agora navegar com as nuvens,
 Visitar as estrelas,
 Entrar no corpo dos animais,
 Fluir com a seiva das plantas,
 Investigar a imaginação da matéria,
 Mergulhar no fundo de rios e de mares,
 Andar por mundos que há muito deixaram de existir,
 Assentar-se dentro de pirâmides góticas,
 Ouvir corais gregorianos,
 Ver os homens trabalhando e amando,
 Ler as canções que escreveram,
 Aprender das loucuras do poder,
 Passear pelos espaços da literatura, da arte, da filosofia,
 Dos números,
 Lugares onde o seu corpo nunca poderá ir sozinho...
 Corpo espelho do universo! Tudo cabe dentro dele'. (ALVES, 2003).

Este ato deve ser feito por todos os que fazem uso de uma língua para a comunicação, haja vista, ser através da leitura que adquirimos informações e conhecimentos para nos mantermos ativos dentro da sociedade. Considera-se que as habilidades de leitura oferecem possibilidades fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade como um todo. Além disso, é papel da escola trabalhar o desenvolvimento e sistematização das referidas habilidades, todavia, percebe-se que as ações pedagógicas desenvolvidas pela escola nem sempre são condizentes com esse papel.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2012, p.87):

E consenso que a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo propicia o acesso a informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia, a reflexão crítica o debate, a troca de ideias.

Percebe-se, pois a leitura como instrumento de enorme valia, não se restringindo apenas a compreensão superficial do texto, mas deve se debruçar de maneira mais aprofundada estabelecendo pontes entre o texto e o leitor.

Nesse sentido, Silva (1993) relata que muitas escolas trabalham essas habilidades apenas embasadas em atividades de interpretação de textos do livro didático, realizado com fragmentos de textos, utilizando-se de debates com perguntas orais sobre o texto lido, em fichas de leitura e resumos, com o intuito de recontar o texto lido e, ainda, esperando que os alunos aprendam, dessa forma, a ler e a compreender um texto.

Importante observar que essas atividades podem fazer parte do cotidiano da escola, mas não exclusivamente como forma de se ensinar o aluno a compreender determinado texto. Em contrapartida, Cosson (2007) explicita que essas práticas são inadequadas, pois o aluno pode entender que ler significa responder a questões elaboradas pelo livro didático ou pelo professor e estão distantes de um trabalho realmente voltado para a leitura que, segundo o autor, deveria ocorrer através da literatura infantil nas séries iniciais.

De acordo com Souza, Giroto e Silva (2012) a relação texto-leitor, necessária para compreensão da leitura é quase ausente na maioria das escolas. Um texto requer e necessita de um leitor que o atualize, que o faça funcionar, que tenha uma atitude ativa por parte do leitor, que esse seja capaz de conferir e analisar o texto,

em contribuição à formação de leitores críticos. Ainda nesse contexto, é necessário que o leitor tenha em mente a clareza de objetivos, o motivo, para quê e o que quer aprender ou não com esta leitura.

Solé (1998) considera o fato de que há pouco espaço na sala de aula para se ensinar estratégias que sejam adequadas para melhor compreensão de textos. A referida autora ainda cita que essas práticas têm sido categorizadas pelos manuais, guias didáticos e pelos próprios professores como uma atividade de compreensão leitora e, por esse motivo o ensino da leitura não se efetiva, com o passar da escolaridade a tendência dos alunos é o desencanto pelo ato de ler.

Faz-se necessário conhecer mais sobre alguns conceitos de leitura que vem sendo discutido por alguns estudiosos, como também, conhecer a importância da leitura do texto literário para a formação social do indivíduo, através dos estudos de Smith (2010), Orlandi (2012), Cândido (2004), Morin (2005), Brait (2013) dentre outros. A reflexão sobre esses conceitos nos levará enquanto docentes a um novo olhar para a leitura em sala de aula.

Importante salientar que Pontes (2010) considera a leitura uma ação ampla, repleta de significados e que por isso exige que o leitor dela participe e envolva os seus aprendizados no texto lido, tornando-o então capaz de ser compreendido, e comenta que a prática da leitura literária deveria ser constante, dessa forma nossos estudos se direcionam para a importância da formação do aluno/leitor, e para isso, utilizamos a narrativa, tendo em vista o seu encantamento, a utilização de elementos fantásticos e maravilhosos que despertam o interesse da criança.

A autora supracitada ainda cita como exemplo para essas leituras literárias os próprios contos de fadas, narrativas, e que há muito tempo encantam e despertam interesses dos mais diversos tipos de leitores, principalmente o público infantil. A nosso ver as fábulas se inserem nessa mesma categoria, possuindo elementos que atraem e interessam o aluno. A mistura de fatos reais e imaginários provoca motivação para ler e reler narrativas que o envolvem fazendo-o leitor assíduo e reflexivo.

Partindo dessa linha de pensamento entre o real e o imaginário, Held (1980) defende que uma história fantástica não seria tão interessante se não refletisse de alguma forma algo sobre a vida dos seres, sobre história, cultura dos povos reunindo assim, emoções. Daí percebermos a contribuição das fábulas no sentido de oportunizar reflexão e debates a partir de provérbios e moral da história.

Por muito tempo a leitura na escola e seu processo de aquisição inicial davam-se de forma mecânica e fragmentada, adotando uma visão tradicional de ensino que valorizava mais a aquisição do domínio dos códigos oral e escrito do que a própria compreensão do aluno. Nos dias atuais, ao contrário, compreende-se, que ela exerce uma função social e transformadora, uma vez que oportuniza uma participação ativa, tornando-se protagonista da sua própria história. Nessa perspectiva podemos entendê-la como instrumento que favorece, ou suscita o ato de pensar, a partir daí, a formação da consciência, o que se constitui indispensável para a construção da cidadania.

Segundo o pensamento de Freire (2003), que aponta ser a leitura do mundo anterior à leitura da palavra, conhecemos o ambiente, antes de tudo travamos conhecimento com o mundo no qual estamos inseridos, as pessoas e tudo que nos cerca para só depois iniciarmos o processo de alfabetização.

Desse ponto de vista a linguagem está presente no cotidiano do sujeito, uma vez que ele lança mão da linguagem verbal principalmente objetivando uma interação com o mundo e com o outro. Nessa condição a leitura não pode ser considerada como pura atribuição de sentidos, mas é necessário trabalhar a inter-relação entre o sujeito e as formas de linguagem com as quais convivem. Entender a leitura uma atividade que se realiza não só no processo de entender o que o autor se propôs a falar, ela vai além, invoca e traz à tona os conhecimentos prévios, correlacionando-os com a mensagem do texto. A partir disso ocorre a interação e o leitor se posiciona ativamente, quando concorda, discorda, ou acrescenta algo.

Percebemos a relação entre as habilidades de manejar ou de compreender o texto, bem como atrelar as experiências e os conhecimentos prévios para uma leitura proficiente e significativa. A leitura é algo que influencia a formação do caráter, da personalidade, influenciando, portanto, na formação do homem, o que conseqüentemente vai oportunizar a construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária.

Analisando o fenômeno da leitura podemos perceber a sua relação com a humanização quando nos damos conta de que a forma de pensar, de ver o mundo, pode ser transformada a partir de determinadas leituras, uma vez que esta oportuniza uma melhor compreensão de mundo, suscita reflexões, instiga o ato de pensar, a partir do texto, o leitor invoca seu conhecimento prévio de mundo, a partir daí, concorda, discorda, muda, acrescenta, algo que lhe parece conveniente, tendo

assim uma participação ativa sendo, pois partícipe da construção de uma cidadania plena, com vistas à construção de uma sociedade humanizada e solidária.

3.2 Literatura x formação humana: tecendo considerações

Muito tem se discutido sobre o papel da literatura na sociedade e sua contribuição para o processo de evolução cultural do homem. Em cada período literário, são atribuídas natureza e funções diferentes, de acordo com a realidade cultural e social da época.

Cada momento ou estilo literário corresponde à sociedade na qual está inserido, assim sendo, é indubitável a importância da literatura para a formação de uma sociedade mais crítica e consciente. Em virtude disso, nos propomos suscitar reflexões acerca da relação literatura e condição humana, mais especificamente Literatura Brasileira contemporânea. Para tal se faz necessário traçarmos um breve histórico ou tecermos comentários no que se refere à sociedade contemporânea na qual está inserida a Literatura, a escola, o educador e o educando.

Diante das transformações que vêm acontecendo em escala mundial, que vêm refletir no sistema educacional, exigindo-lhe um novo posicionamento nos diversos aspectos: tanto no que se refere aos interesses do mercado como no tocante a formação de profissionais mais preparados para as modificações que despontam das mais diferentes formas, bem como no que diz respeito ao comportamento, formação para a cidadania, priorizando a condição humana, questiona-se sobre que educação será necessária para atender às exigências do atual momento.

Tem-se conhecimento das mais variadas ofertas de meios de comunicação social extraescolar, meios que veiculam as informações. Entretanto ainda é a escola que desempenha essa tarefa, buscando formalizar os conhecimentos de mundo, que são detentores os educandos. Trata-se de um conhecimento compartimentado, truncado, fechado em si, que segundo Morin é “esotérico por natureza”, “incapaz de ser democratizado”.

Morin (2005) defende que para a educação do futuro é necessário promover a integração das ciências naturais visando situar a condição humana no mundo e integrar a contribuição inestimável das humanidades, não apenas no que se refere à Filosofia ou à História, mas também à Literatura, à poesia e às artes.

Para o autor, as disciplinas fechadas não dão conta da circularidade, intrinsecamente, ligadas ao processo cognitivo e de análise e propõe que “se caminhe no sentido de procurar sempre as relações e inter-retroações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes.” Pois “todo conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto”.

O ESTUDO DA CONDIÇÃO humana não depende apenas do ponto de vista das ciências humanas. Não depende apenas da reflexão filosófica e das descrições literárias. Depende também das Ciências Naturais renovadas e reunidas, que são: a Cosmologia, as ciências da Terra e a Ecologia. (*ibidem*, p. 35).

Para o autor, essas ciências reúnem os saberes que anteriormente se apresentavam fragmentadas. Nesta perspectiva, a literatura oferece essa abertura para outras formas de experiência humana, quando nos dá a oportunidade de entrar em contato com outras formas de conhecimento. Para o autor ela é a arte que pode modificar o ensino e, conseqüentemente, o conhecimento humano.

Cândido (2004, p. 180), em sua análise acerca dos fenômenos literários e seus efeitos, aborda a complexidade da sua natureza dividindo-a em três aspectos:

a) constitui-se numa construção de objetos autônomos como estrutura e significados; b) é também uma forma de expressão, pois explicita emoções e a visão que indivíduos e grupos possuem do mundo; c) é, sobretudo, uma forma de conhecimento, inclusive estabelecendo empatia com os personagens diante das diversas situações.

As produções literárias atuam sobre o homem mediante a fusão das três faces apontadas por Candido, em outras palavras, elas são *construções, formas de expressão e formas de conhecimento*. Ainda segundo Candido (2004), ao apoderar-se da força da palavra organizada, o homem organiza seus sentimentos, seus pensamentos e assim aprimora sua visão de mundo.

Em sua obra *A cabeça bem-feita*, Morin defende a literatura como uma fonte de “experiências de verdade”:

É no romance, no filme, no poema, que a existência revela sua miséria e sua grandeza trágica, com o risco de fracasso, de erro, de loucura. É na morte de nossos heróis que temos nossas primeiras experiências da morte. É, pois, na literatura que o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida. (MORIN, 2005, p. 49).

Ainda segundo Morin (2005, p. 48-50), a literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também *escolas de vida, em seus múltiplos sentidos*:

Escolas da língua, que revelam todas as suas qualidades e possibilidades através das obras dos escritores e poetas, e permite que o adolescente – que se apropria dessas riquezas – possa expressar-se plenamente em suas relações com o outro; *escolas da qualidade poética da vida* e, correlativamente, da emoção estética e do deslumbramento; *escolas da descoberta de si*, em que o adolescente pode reconhecer sua vida subjetiva na dos personagens de romances ou filmes. Pode descobrir a manifestação de suas aspirações, seus problemas, suas verdades, não só nos livros de ideias, mas também, e às vezes mais profundamente, em um poema ou um romance; *escolas da complexidade humana*. O conhecimento da complexidade humana faz parte do conhecimento da condição humana; esse conhecimento nos inicia a viver, ao mesmo tempo, com seres e situações complexas; *escolas de compreensão humana*. No âmago da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que na tela e nas páginas do livro eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas.

Percebem-se, dessa forma as múltiplas e variadas funções que a literatura pode exercer na vida dos seres humanos. De acordo com Morin (2005) É no romance, no filme, no poema que a existência revela sua miséria e sua grandeza trágica, com o risco de fracasso, de erro, de loucura. É na morte de nossos heróis que temos nossas primeiras experiências de morte. “É, pois na literatura que o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vivida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida” (MORIN, 2005, p.49)

Deduz-se, pois que através da literatura o adolescente tem seu primeiro contato com as injustiças sociais, a miséria, a violência, a morte, traições entre outros acontecimentos que permeiam a vida do ser humano. É comum percebermos entre os leitores a transformação que uma obra literária ou um filme traz às suas vidas, quando através de uma relação de empatia com os personagens, adotam posturas diferentes, modificando seu posicionamento, adotando uma nova relação com o mundo e com o outro. Postura essa que transforma o homem em um cidadão mais humanizado e consciente.

A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada: vivemos em um mundo de incompreensão entre estranhos, mas também entre membros de uma mesma sociedade, de uma mesma família, entre parceiros de um casal, entre filhos e pais. (MORIM, 2005, p. 50).

Entende-se, pois a literatura como chave que oportuniza a elucidação de situações consideradas por ele de incomunicabilidade. E é exatamente aí que o leitor descobre ou percebe as causas e a origem dos diversos mal entendidos e a partir daí começa a desenvolver a compreensão daqueles que até então eram incompreendidos.

Para melhor entender a dificuldade no que se refere à compreensão humana, necessário se faz uma pedagogia conjunta não fragmentada, integrando diversas ciências tais como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a história, no intuito de perceber o ser humano em sua totalidade.

De acordo com a teoria (*ibidem*, p. 43) em suas considerações sobre condição humana, afirma: “O estudo da linguagem através de formas literárias, leva o homem diretamente ao caráter mais original da condição humana”.

Em outras palavras, os leitores são influenciados e exercem influência sobre a sociedade, em virtude da compreensão, baseados ou fundamentados nos conhecimentos prévios.

Assim podemos perceber a fundamental importância da Literatura para a formação da personalidade humana no sentido de desenvolver no leitor um maior conhecimento, bem como empatia, tornando-o dessa forma, mais compreensivo, ético, tolerante, um ser que prioriza não só a si mesmo, mas também ao outro e sua relação com o Mundo. À literatura, se constitui instrumento que favorece a humanização sendo de grande valia ao desenvolvimento intelectual e afetivo de crianças e jovens, alimentando os seus sonhos, cultivando lhes o espírito mágico e o poder de reflexão, sufocados pelas sociedades modernas, sociedades que assistem à fragmentação do sujeito, da arte e dos valores.

Manifestada sob diferentes formas literárias, no gênero narrativo, lírico, dramático, contos, fábulas, entre outros, e inspirada nos clássicos universais e no legado da tradição oral, a literatura tem dado a sua contribuição na educação humanística do homem, aos moldes do que propõem Morin e Cândido, ajudando o adolescente a encontrar significados para a vida.

Sendo Morin, o pai da teoria da complexidade, os conhecimentos devem ser entendidos, valorizando o complexo ou o todo, e que, os problemas cotidianos devem ser inseridos no currículo, os saberes devem ser interligados. A literatura é a porta para a integração desses saberes, pois através de suas leituras o sujeito se

depara com diversificadas situações de aprendizagens capazes de integrar os conhecimentos, possibilitando torná-lo um cidadão pleno.

Percebemos, pois, um dos grandes problemas da complexidade humana: A não priorização das coisas essenciais à vida tais seja: a família, o amor, o respeito ao outro, a solidariedade, bem como nos mostra que a cada período da vida o ser humano tem novos interesses, esquecendo os ideais anteriores.

Podemos perceber ser a literatura um instrumento que contribui, para o ato de pensar, refletir, questionar, condição fundamental para o exercício da cidadania, com vista a um novo posicionamento frente às situações encontradas no cotidiano, no entanto para que os benefícios sejam realizados de forma satisfatória, junto aos leitores, é indispensável que na sala de aula o professor favoreça a interligação entre os postulados filosóficos e educacionais defendidos por Morin (2005), especialmente na obra *A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o ensino*, bem como Cândido (2004), em sua obra *O direito a literatura* e Libâneo (2001), na obra *Organização e gestão da escola*.

Ao entrar em contato com a leitura, provavelmente se perceberá que a literatura, entre outros meios de saber, pode ser utilizada, não apenas com vistas ao ensino da gramática, mas priorizando a sua essência, buscando uma compreensão mais ampla e abrangente, promovendo a integralização dos conhecimentos, junto à educação priorizadora da formação humana, oportunizando o acesso para todos aos bens culturais da humanidade, através da leitura do texto literário, concretizada como atividade lúdica e estética conforme nos proporciona, de forma atrativa e prazerosa, a natureza da arte literária. É a fantasia, o lúdico, o prazeroso, utilizado para a formação do homem, com vistas a uma formação, que priorize a ética, a solidariedade, o respeito, valores humanos.

3.3 Gêneros discursivos: aliados para prática educativa

Sendo o homem um ser histórico e social, o qual vive em sociedade, influenciando e, sendo por ela influenciado, estabelecendo com os seus semelhantes uma linguagem tanto oral, quanto escrita coadunamos com a visão de Bakhtin (2003, p. 282) quando afirma: “O nosso pensamento se origina e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos alheios, o qual não pode deixar de refletir - se nas formas de expressão do nosso”.

No atual contexto percebe-se a proposta pedagógica de que o trabalho, o ensino da disciplina Língua Portuguesa (e não só dessa disciplina) tenha o suporte ou apoie-se nos gêneros discursivos. O ensino anteriormente pautado e centrado na gramática apresenta-se agora uma nova abordagem onde sejam priorizados os gêneros discursivos. Estudiosos como Marchuschi, Dolz e Schenewly, se posicionam denotando a concepção de ser a linguagem uma ação e prática social.

Discute-se aqui, questões pertinentes aos gêneros discursivos, e sua aplicação em sala de aula. Buscamos melhor compreender, perceber sua conceituação e as divergências que se formaram a seu respeito. De acordo com Bazerman (2011, p. 13):

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar.

Podemos perceber a relevância dos gêneros e a sua inserção no cotidiano do ser humano. São considerados formas de vida porque ali estão implícitos as opiniões, crenças, modo de ver, e interpretar situações. Do outro que dialoga com o receptor, o qual concorda, discorda, acrescenta, subtrai algo dele. São os lugares onde o sentido é construído, pois a partir dele se entende o significado de determinadas situações com as quais se estabelecem uma identificação entre leitor e escrita. A partir do que lemos, formamos o que pensamos modificando estabelecendo relações de analogias entre o que nos está sendo dito e as experiências vivenciadas, sejam elas na prática ou na teoria. É aos gêneros que recorreremos quando buscamos novas informações, conhecimentos, e assim emitimos nossas opiniões, dúvidas, incertezas e /ou convicções.

No tocante ao trabalho, ensino aprendizagem da Língua Portuguesa, percebem-se as dificuldades e desafios que atravessa o educador na sua prática pedagógica. Considerando a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a necessidade de se reestruturar, rever, reformular o ensino fundamental tornou-se mais evidente e, a partir de então, buscou-se estratégias que atendessem tais exigências. Assim sendo, os livros didáticos rapidamente buscaram maneiras de

adaptar-se às novas exigências, no intuito de atender e oportunizar um melhor resultado no processo ensino aprendizagem.

De acordo com os PCN's, uma educação comprometida com o exercício da cidadania deve priorizar e oferecer ao aluno oportunidade para o desenvolvimento da sua competência discursiva, o que lhe possibilita tornar-se um sujeito "capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001, p. 23).

O trabalho e utilização dos gêneros discursivos viabilizam esse ensino, se considerarmos que, "a unidade básica do ensino só pode ser o texto", (*ibidem, loc. cit.*). Os quais se organizam com certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os identificam como pertencente a um determinado gênero. Por isso, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (*ibidem, loc. cit.*).

Ainda seguindo os ditames dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 21):

É preciso que as situações de ensino da Língua Portuguesa priorizem textos a serem selecionados que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que por suas características e usos podem favorecer a reflexão crítica o exercício de formas de pensamento, mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição dos usos artísticos da linguagem , ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Constata-se, pois, segundo o referido documento , a importância de que sejam trabalhados os textos, em seus diversos gêneros, seja ele conto fábulas, tirinhas, Histórias em quadrinho, que denotem a linguagem clara, compreensível, e que oportunizem ao educando reflexões, propiciando ou oportunizando a ele o ato de pensar, mas também oportunize uma leitura de fruição, prazerosa, no intuito incentivar a leitura pelo prazer de ler.

Quanto melhor dominarmos os gêneros, tanto mais livremente os empregarmos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário) refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação, em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Percebe-se, pois, nessa citação que a utilização e domínio dos diferentes gêneros contribuem para a aquisição do saber, do conhecimento, ajudando a reconhecer e identificar a própria individualidade tornando-se um sujeito autônomo crítica e reflexivo.

Considerando ser o espaço escolar propício para o trabalho com gêneros, e por ser o livro didático um suporte, ou apoio que colaboram para esse ensino, ele também buscou adaptar-se e atender as novas mudanças e exigências. Apesar de a maioria dos livros didáticos mais recentes já trazer uma nova concepção de ensino, pautada no texto e nos gêneros textuais, o trabalho com textos ainda é insatisfatório, requerendo do educador maestria no sentido de conquistar, despertar no aluno o gosto pela leitura, escrita, compreensão e interpretação textual. Ao invés de trabalhar os gêneros discursivos, considerando-os como formas relativamente estável de agrupamentos de textos, como aborda Bakhtin (2003), na realidade, por vezes eles são utilizados, tratados como meio através dos quais são explorados aspectos gramaticais ou como modelos idealizados de texto, sem que sejam enfatizados ou priorizados os aspectos mais relevantes, o mais importante – a função social e comunicativa do gênero.

Para Marchuschi (2002, p. 19) embora permaneçam nas escolas, práticas escolares que não tenham o texto como objeto de ensino e que desconsideram a função sócia comunicativa da língua, “já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”.

Percebe-se que à luz da teoria de Marchuschi (2002), o texto não é uma composição, isolada ou estanque da realidade, mas está atrelado ao momento histórico, ao contexto social tanto do produtor, como a realidade do leitor, daí contribuírem para que se estabeleçam sentidos e comunicações no cotidiano tanto daqueles que os escrevem, quanto dos que falam, leem ou escutam. Sobre isso pontua Bakhtin (2003, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e por que em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia a medida que se desenvolve e se complexifica em determinado campo.

Verifica-se, pois, a intrínseca relação dos gêneros com todo o contexto histórico e cultural, que variam de acordo com a situação, compreensão e atividade do ser humano, denotando semelhanças, e diferenças, ao mesmo tempo em que social, é também individual à medida que considera as diversidades e singularidade de cada momento, não só daquele que produziu como também a situação, compreensão e contexto histórico daqueles a quem o texto se destina. A tarefa de classificar os gêneros discursivos, não se constitui uma tarefa fácil. Há um consenso entre os estudiosos no assunto sobre a difícil classificação dos mesmos.

A leitura de variados gêneros discursivos, oportuniza o processo ensino-aprendizagem na produção de textos principalmente, se as atividades contextualizadas, conseguem despertar no aluno uma visão crítica tanto na leitura como na escrita, estabelecendo empatia, e a construção de significados, bem como a definição de objetivos pertinentes.

Considerando a importância de trabalhar os gêneros em uma perspectiva que se coadune com os postulados de Bakhtin, nos deteremos a observar, refletir, sobre o suporte utilizado em sala de aula, - o livro didático- que nos auxilia com tais estudos e atuação em sala de aula. Há que se considerar o livro didático como um instrumento que venha auxiliar no que diz respeito ao ensino da Língua materna. Embora não seja o único instrumento, pode se constituir algo de grande valia se utilizado de forma coerente. Vale salientar, a necessidade de que, considerando as singularidades da realidade do educando, se busquem outros instrumentos que venham colaborar para que o ensino aprendizagem seja produtivo e prazeroso.

Recursos como revistas, jornais, além de exibição de filmes além dos gêneros digitais podem se constituir aliados que oportunizem êxito na aprendizagem. Entretanto, há de se convir, o valor e a relevância do citado suporte, como facilitador de uma prática pedagógica que visa o aprendizado do educando. Abordamos aqui breves considerações sobre o livro didático que nos serve de auxílio, assim sendo uma ferramenta para a nossa prática educativa.

Percebe-se o enfoque ou a percepção de que há a necessidade de se trabalhar os diversos gêneros, para que haja a possibilidade de atingir o maior número de leitores, Haja vista, as preferências de cada leitor. No tocante ao exercício da escuta apresentam-se no livro por nós utilizado, gêneros da oralidade como canções, poemas, piadas, charadas, fabulas etc..

. Encontramos atividades que visam preparar o terreno para culminar na produção do texto. Para isso, o livro apresenta uma sequência de atividades a serem realizadas até chegar à produção propriamente dita. Essas sequências são passos que orientam o caminho para a produção textual.

Como podemos perceber, a metodologia apresentada pela coleção é bastante semelhante às sequências didáticas propostas por Dolz, Noverraz e Schneuwly. (2004)

Apresenta inicialmente uma sequência de textos com o tema a ser abordado pelo aluno em sua escrita. Apresenta propostas de produção de texto bastante pertinentes ao que propõem os referidos autores e os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001). Os capítulos são organizados em torno de um gênero textual. Os gêneros selecionados pela coleção são relevantes para a interação do educando com o meio em que vive, além de abordarem, também, gêneros da esfera literária.

Por ocasião dos encontros e debate em sala de aula, em determinados momentos, os alunos demonstram interesse e identificação com determinados textos, que abordam assuntos pertinentes a sua realidade. Trabalhando estilos musicais, autores e artistas contemporâneos, o que desperta seu interesse, ou quando são enfocados aspectos da adolescência, estilos de música, vestimentas, percebe-se haver maior interação e participação, e a partir de então a leitura e a produção do texto são tarefas e atividades prazerosas, evoluindo de melhor forma.

Além de colocar o aluno em contato com o exemplar do gênero a ser trabalhado, há um trabalho com a compreensão do texto em que se prioriza o conteúdo - a composição das personagens ou outros elementos que são próprios do gênero em análise; na forma - o contexto de produção; na situação comunicativa - a linguagem do texto e o estilo.

.Há que se considerar a relevância de se trabalhar os gêneros, haja vista, a importância, a sua inserção no cotidiano de todo e qualquer ser humano, e a relação que se estabelecem entre esses gêneros e o momento sócio histórico nos quais estão inseridos, leitor produtor e todos os envolvidos nesse processo.

Sobre isso, Barbosa (2013, p. 75) enfatiza:

Um gênero textual não é um conjunto de regras rígidas para a formação de textos. Portanto textos, gêneros, e práticas sociais são susceptíveis as mudanças que acontecem a todo o momento. Por essa razão o conceito de gênero textual é dinâmico, não estático, e esse é o motivo pelo qual

professores e alunos precisam atentar para a fluidez das práticas sociais e dos textos que tornam esses gêneros possíveis.

Evidencia-se, dessa forma, o diálogo estabelecido entre os gêneros e o contexto social, onde estão inseridos, salientando serem estes, dinâmicos, evolutivos, haja vista assim ser a sociedade, o contexto, os fenômenos sócio-histórico- culturais, que permeiam o cotidiano de todos os seres humanos.

Percebe-se a importância de que seja oportunizada aos educandos uma gama de gêneros, no intuito de atender ao seu gosto literário, bem como possibilitar que consiga deles fazer uso da melhor forma, diante das suas necessidades e situações cotidianas. Assim sendo, após disponibilizarmos aos educandos os diversos gêneros como contos, tirinhas, poemas, histórias em quadrinhos, buscamos perceber qual deles mais despertou interesse e curiosidade, então nos decidimos por utilizar o gênero fábulas em virtude de ter sido por eles escolhido com, base no questionário aplicado, como demonstra o gráfico 1 , e também por acreditarmos que essas narrativas curtas e dotadas de Moral da História , demonstram virtudes e características dos seres humanos, utilizando para isso animais como personagens oportunizando o ato de pensar, o que a nosso ver é de grande valia quanto se trata do processo de humanização. A seguir discutimos este gênero.

4 O GÊNERO FÁBULA NA ESCOLA: PRÁTICAS DE VALORES SOCIAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

4.1 Gênero fábula: conceitos e características

É importante que o professor busque meios eficazes para o ensino de valores sociais e morais. Porém, o questionamento de muitos docentes é: Como agregar esses valores ao conteúdo didático que os alunos estão aprendendo? Em resposta a essa questão, uma alternativa bastante viável, em relação ao ensino de língua materna, diz respeito ao trabalho com os gêneros discursivos, pois eles podem abarcar vários aspectos sociais e culturais que envolvem o desenvolvimento dos alunos.

Bakhtin (1997, p. 261) explica que “todos os diversos campos de atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis de enunciados*, aos quais denominamos *gêneros discursivos*”. (*ibidem*, p. 262). Com base nisso, pode-se perceber que os trabalhos e atividades humanas estão intrinsecamente ligados à constante produção e utilização de gêneros discursivos. Eles são extremamente necessários para as relações sociais.

Marchuschi (2002, p. 19) acrescenta que “Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Ou seja, é por intermédio deles que ocorrem as manifestações de linguagem.

Todavia, os gêneros discursivos são inúmeros, possuem vários formatos e diferentes funções, por isso é preciso que o professor selecione os gêneros que mais se adéquem às necessidades de seus alunos. De acordo com os PCN's “a grande diversidade de gêneros praticamente ilimitada, impede que a escola trate eles como objeto de ensino, assim uma seleção é necessária”. (BRASIL, 2001, p.53). Geralmente, os livros didáticos já fazem a seleção dos gêneros textuais a serem trabalhados em sala de aula, mesmo assim é recomendável que o professor faça a escolha dos gêneros que podem ou não estar contidos no livro didático com enfoque nas necessidades dos discentes.

O trabalho com os gêneros também deve considerar a formação da personalidade do aluno em conjunto com a formação humanizadora baseada no

ensino da ética, da honestidade, da moral e do respeito, valores indispensáveis no ambiente escolar, principalmente no ensino fundamental onde o alunado é composto por crianças e adolescentes.

Cordeiro (2012, p. 81- 82) destaca que:

É nessa instância de socialização entre os iguais que se constituem e se afirmam os aspectos importantes da construção da personalidade de cada uma das crianças. Ali se exercitam expectativas, desejos, projetos, planos, interações as mais diversas. Ali se experimentam dimensões afetivas importantes, constroem-se amizades e inimizades, afinidades e repulsas, exercitam-se formas de liderança, de autoridade e de reação contra essas mesmas lideranças e autoridades. Mas adiante na puberdade ou na adolescência, costuma ser entre colegas de escola que os jovens encontram os seus primeiros objetos de desejo sexual e de investimento amoroso, namoros, paixões, correspondidas ou não, ilusões, decepções, enfim, um conjunto de experiências sentimentais que termina por definir identidades e personalidades.

A escola é um ambiente de convívio social onde passamos boa parte da infância e adolescência. É um lugar que influencia na formação dos educandos podendo se constituir um fator determinante na formação de identidades. É importante que nela se busquem formas de contribuição ao aprendizado dentro e fora da sala de aula: em casa, nos diálogos com a família, nas ruas e lugares que frequentam, nas conversas com os colegas nos corredores da escola, relações essas que refletem seu comportamento.

Para o professor de Língua Portuguesa, os gêneros são ferramentas eficientes, pois um mesmo gênero pode ser trabalhado sob diferentes pontos de vista, obedecendo aos interesses específicos da disciplina bem como aos interesses que a escola deve ter: formar cidadãos que saibam se relacionar e respeitar o outro bem como lidar com as diversidades.

De acordo com Martins (2008, p.7):

Fábula é um tipo de conto que tem a intenção de dar uma lição ensinar alguma coisa, dar um exemplo. Muitas vezes quem conta a fábula quer dar um “puxão de orelha” no ouvinte. Outras vezes o contador quer ensinar como se deve enfrentar uma situação complicada, como se pode usar a esperteza para sair de dificuldades. E quer fazer isso com jeitinho, sem ofender então conta a história de uma personagem que fez uma coisa errada e se deu mal por causa disso, ou que foi esperto e conseguiu passar a perna em alguém que queria prejudica-lo. E assim com uma história divertida, consegue transmitir uma lição.

Percebe-se a função educativa do gênero, haja vista, os ensinamentos por ela trazidos, o convite à reflexão através de ludicidade, o que consegue encantar e seduzir o educando, levando-o a fantasiar, contribuindo assim para que se desperte nele o prazer de ler. Os personagens mais comumente encontrados na fábula são os animais. Sobre isso pontua Martins (2008, p. 7):

E que em todas as culturas os animais são vistos como símbolos de algum tipo de sentimento, características de personalidade ou de caráter. Observando o comportamento de diversos animais as pessoas foram vendo que eles podiam ter um tipo de comportamento parecido com uma característica humana boa ou má: preguiça, zelo, vaidade, humildade, lealdade.

A utilização de animais se constitui uma característica do gênero fábula, estabelecendo analogias entre os seus comportamentos e a conduta humana, objetivando construir ou incentivar postura adequada e politicamente correta.

De acordo com Bagno (2006, p. 51), as fábulas se constituem um gênero universal em virtude de sua intrínseca relação com a sabedoria popular é, portanto, “uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou virtude e termina invariavelmente com uma lição de moral”. Dessa forma podemos perceber este um dos gêneros que preenche os requisitos da disciplina tendo como objetivo principal resgatar a boa conduta social, o respeito ao próximo se considerarmos os ensinamentos que nos trazem, oportunizando ao educando o ato de pensar. Esse gênero de caráter narrativo é considerado por muitos uma forma de introduzir a criança na leitura e, além disso, é adotado por alguns pais como forma de instruir seus filhos. Conforme Zilberman (2007, p. 246):

A criança fica exposta, igualmente, ao letramento literário, já que, desde pequena, é iniciada ao universo da fantasia, que lhe aparece por meio da escuta de histórias. Essas se mostram em diferentes formatos: contadas oralmente, lidas em voz alta por outras pessoas, vistas, quando se trata de audiências de programas de televisão, teatro infantil ou cinema.

Muitas das histórias que as crianças começam a ouvir e ver são fábulas. Nelas, animais aparecem como personagens dessa narrativa e a eles se atribuem sentimentos e emoções, característicos da personalidade humana. Bagno (2006, p. 51) apresenta algumas características acerca desse gênero:

A fábula é um gênero literário muito antigo que se encontra em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. Este caráter universal da fábula se deve, sem dúvida, à sua ligação muito íntima com a sabedoria popular. De fato, a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral. Até hoje, quando terminamos de contar um caso ou algum acontecimento interessante ou curioso, é comum anunciarmos o final de nossa narrativa dizendo: “moral da história”... Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas, algum ensinamento útil, alguma lição prática.

Como destaca Bagno, a fábula faz com que busquemos nos gêneros, especialmente os de caráter narrativo, ensinamentos, condutas a serem reproduzidas ou não. As lições de moral geralmente aparecem para oportunizar reflexões, mostrar virtudes, comportamentos que podem ou devem ser seguidos e aqueles que devem ser evitados.

Ocupa-se de questionar e oportunizar atitudes éticas, como respeito, honestidade solidariedade, justiça, humildade, sem prescindir dos seus direitos, das suas conquistas e de exigir o mesmo respeito dispensado por ele ao outro. Esses ensinamentos estão presentes na sabedoria popular, muitas pessoas mesmo analfabetas conhecem a fábula, sabem contá-la e sabem também do seu objetivo de dar lições práticas para a vida.

5 NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Nosso trabalho é fruto das inquietudes suscitadas pela nossa prática educativa. Aflige-nos as questões relacionadas a valores morais e princípios éticos, os quais nos parecem ter pouca visibilidade no atual contexto.

Buscamos compreender o momento no qual estamos inseridos, a educação, comunidade escolar, e educandos, objetivando melhor forma de intervir ou direcionar nossa prática educativa.

Para a realização da nossa pesquisa, buscamos respaldo, conhecimento teórico sobre a atual sociedade, o contexto sócio histórico e cultural buscando perceber como se insere a educação nesse contexto, questionando que educação seria necessária para esse momento, conforme discussões anteriores.

Esse tema se constitui nosso interesse sendo alvo de nossas pesquisas e estudo. Enquanto professor de Língua Portuguesa nossos esforços se centraram no sentido de detectar de que maneira a Língua Portuguesa pode contribuir para a educação humanizadora, que venha coadunar com a construção de uma sociedade mais justa e humanizada, de que maneira o ensino dessa língua pode se constituir um instrumento que sem prescindir dos conteúdos que precisam ser sistematizados e ministrados seja também voltado para a formação do caráter oportunizando ao aluno o ato de pensar, refletir, discutir, o que em muito contribuirá para a construção de um cidadão pleno. Salientamos que embora nossa proposta tenha ênfase maior na preocupação em como a Língua portuguesa pode contribuir para uma educação humanizadora, não podemos prescindir dos conhecimentos sistematizados. Assim sendo, recorreremos à uma sequência didática por acreditar que viesse colaborar com a nossa proposta.

Iniciamos abordando o gênero fábula, tecendo sobre ele comentários e buscando perceber que conhecimento o educando tem sobre o assunto. Suscitamos debates e questionamentos sobre o gênero. Em seguida narramos a fábula *a cigarra e a formiga* no intuito de que eles estabelecessem contato com a narrativa. Assim sendo fizemos a apresentação da situação explicando-lhes que no final da aula seria proposta a produção de uma fábula. Foram elaborados questionamentos que oportunizasse discussões para que fossem expostos ideias e opiniões. Após as

discussões solicitamos a produção textual. Reservamos um texto para esse trabalho e ao final da aula recolhemos os textos por eles produzidos.

Detectamos através dos textos a deficiência no que se refere à ortografia, alguns alunos utilizam Consoante *t* ao invés da consoante *d*. É comum o uso da letra *z* ao invés da letra *s*, entre outras dificuldades em relação à escrita, como por exemplo, ser frequente palavras escritas sem que haja entre elas o espaço necessário. São essas algumas das dificuldades encontradas, e para as quais buscamos estratégias de intervenção. Na aula seguinte retomamos esses aspectos trazendo explicações e reforçando conteúdos já anteriormente trabalhados, para então propor atividades objetivando minimizar ou discutir com o educando essas dificuldades. Prática essa que será relatada um pouco adiante.

5.1 Percurso metodológico

Para a realização desse estudo buscamos um embasamento teórico em autores como: Candido, Libaneo, Morin, entre outros. Paralelamente realizou-se uma pesquisa *in loco*, campo de estágio, a fim de perceber junto ao aluno o seu interesse, o seu gosto pela leitura e literatura utilizando estratégias de intervenção.

Realizamos uma pesquisa qualitativa, de caráter interventivo haja vista a preocupação de não somente conhecer, mas principalmente buscar estratégias de intervenção. Assim sendo por ocasião de encontros com os educandos nos propusemos a atividades com livro, histórias em quadrinhos, literatura de cordel, contos, poemas musicados entre outros, buscando identificar quais os instrumentos e estratégias que nos seria mais conveniente utilizar para despertar ou seduzir o educando despertando o seu interesse. Para isso utilizam-se questionários, conversas informais, observação como será disponibilizados alguns livros para que se possa detectar suas leituras prediletas.

Lançamos mão de um levantamento bibliográfico buscando uma melhor compreensão sobre educação humanizadora em uma tentativa de conceituação. Também foram realizadas leituras sobre a sociedade pós-moderna suas tendências, características, buscando vislumbrar a inserção da educação nesse contexto. A abordagem da Língua Portuguesa para uma educação priorizadora da humanização

diz respeito tanto a gramática, bem como a leitura, gêneros, literatura e produção textual.

Com base na análise de dados coletados, tendo sido detectado suas preferências de leitura, iniciamos a realização das nossas atividades com a utilização do gênero fabula uma vez ter sido esse gênero considerado o mais atrativo. No decorrer do período utilizamos a exibição de filmes que oportunizem ao educando o ato de pensar, possibilitando debates e discussões, a partir dos temas relevantes sobre os quais será proposta a produção de texto. Vale ressaltar que as ações ou estratégias se constituem tentativas e experimentos com vistas a um melhor rendimento e aproveitamento tanto no que se refere aos conteúdos como no tocante a cidadania e humanização.

Esta pesquisa possui um caráter interventivo haja vista considerar o professor um agente ativo envolvido no processo de produção de conhecimento em sua própria prática de sala de aula. Comentando sobre pesquisa ação Thiollent (2005, p. 16):

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ainda assim, Thiollent (2005, p. 22) pondera que:

Em geral, a ideia de pesquisa ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos, da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer. E a fazer. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. “Com a pesquisa ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.”

Percebe-se, pois que quando se trata de pesquisa ação, ocorre não só a participação ativa do pesquisador, mas e principalmente o envolvimento e a participação ativa das pessoas implicadas. Onde se pretende deles uma atuação na própria realidade. Nesta perspectiva comenta (*ibidem*, p. 18):

É necessário definir com precisão, de um lado, qual é a ação, quais são os seus agentes, seus objetivos, e obstáculos e por outro lado, qual é a exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação.

Considerando ser o nosso trabalho uma pesquisa qualitativa tendo caráter interventivo elencamos aspectos que consideramos relevantes: interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; sendo que desta interação resulta a ordem de prioridades dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; O objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; d) o objetivo tem como interesse esclarecer os problemas , buscando melhor forma de enfrentamento

O autor comenta a importância de que sejam definidos os objetivos e a relação existente entre eles. E complementa: Uma das especificidades da pesquisa ação consiste no relacionamento dos:

Objetivos práticos: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e propostas de ações correspondentes “as soluções” e propostas de ações correspondentes às soluções para auxiliar o agente ou (ator) na sua atividade transformadora da situação. **Objetivos de conhecimento:** Obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, etc. (THIOLLENT, 2005, p. 21)

O autor explicita ser a pesquisa ação, de caráter espírito científico, e comenta que a ciência não pode se restringir a dados quantitativos. Há que se perceber o valor e a credibilidade da pesquisa qualitativa.

De acordo com o referido autor na pesquisa- ação ocorre uma intrínseca relação entre pesquisador e pessoas envolvidas na pesquisa, sendo essa interação o fator determinante para que se estabeleçam a prioridade dos problemas detectados e as possíveis soluções. O autor chama atenção para o fato de que o objeto da investigação é a situação social bem como os diversos problemas existentes na comunidade onde se realiza a pesquisa. O objetivo está diretamente ligado ao objeto: buscar alternativas ou formas de enfrentamento de resolução para os problemas vivenciados.

Do ponto de vista científico, a pesquisa ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação processamento de dados e experimentação etc. Com ela se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta, Thiollent (2005, p. 26) comenta:

A compreensão da situação, a seleção dos problemas a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa ação não fogem ao espírito científico. O qualitativo e o dialogo não são anticientíficos. Reduzir a ciência a um procedimento de processamento de dados quantificados corresponde a um ponto de vista criticado e ultrapassado, até mesmo em alguns setores das ciências da natureza.

O autor se preocupa em fazer perceber que há na pesquisa ação, o mesmo valor e credibilidade aferido às pesquisas de caráter quantitativo. Haja conter também um caráter de cientificidade.

Para a elaboração do presente trabalho, foi utilizada a pesquisa qualitativa. De acordo com Baldissera (2001) a pesquisa-ação é aplicada quando houver uma ação por parte das pessoas envolvidas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva. A autora ainda relata que a referida pesquisa, agrega várias técnicas de pesquisa social e utiliza-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, bem como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva.

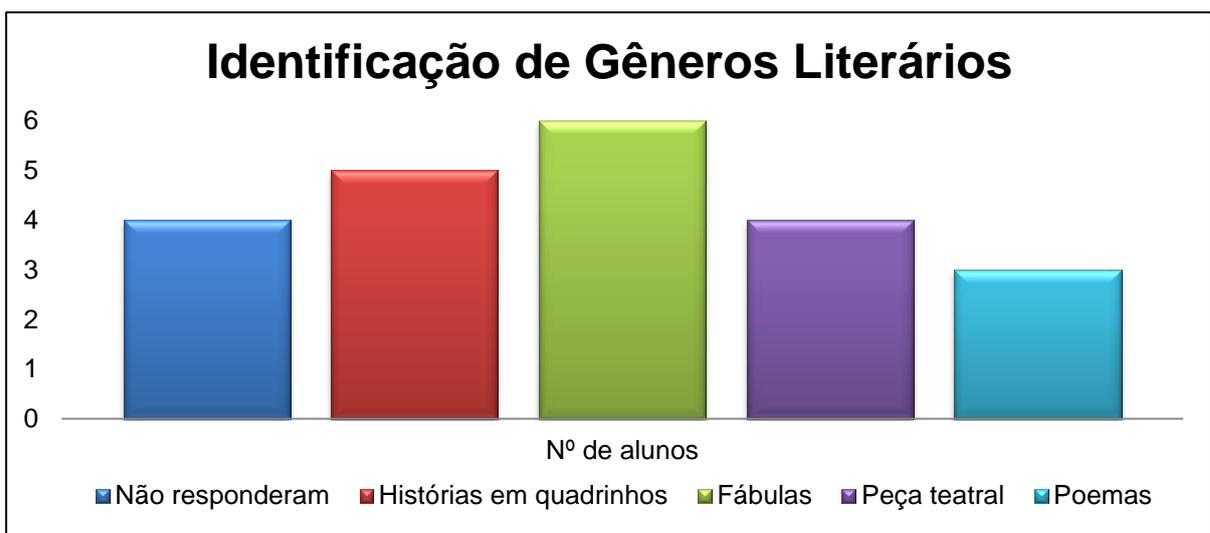
No que se refere à pesquisa qualitativa Neves (1996), compreende como sendo um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo, de significados. Por outro lado Gerhardt e Silveira (2009) citam que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social. Ainda

nesse sentido, Gerhardt e Silveira (2009). Preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Com relação à pesquisa interpretativista, é possível observar que Brauner, Cigales e Soares Júnior (2014) desenvolvem interpretações da vida social e do mundo sob uma perspectiva cultural e histórica, bem como se contrapõem ao positivismo ao negar a ideia de que os métodos das Ciências Sociais devem ser idênticos aos das Ciências Naturais e por buscar a compreensão do significado dos fenômenos sociais e não somente a sua explicação.

Buscamos estratégias que viessem nos auxiliar nessa empreitada, trabalhamos os diversos gêneros, como por exemplo: tirinha, contos, história em quadrinhos, adivinhações, cordel, fábulas, gêneros que se encontram no livro didático utilizado em sala de aula. Como segundo passo da intervenção, elaboramos e aplicamos um questionário no intuito de identificar qual dos gêneros mais atraiu o interesse e a curiosidades dos alunos. Essa pesquisa foi realizada em uma escola estadual da cidade de Mossoró RN, turma de 6 ano com 22 alunos. Obtivemos o seguinte resultado, de acordo com o Gráfico 1. Em um universo de 22 alunos, 05 escolheram História em quadrinhos, 04 não responderam, 04 escolheram peça teatral, 03 escolheram poemas e 06 optaram pelo gênero fábula.

Gráfico 1 - Questionário para identificação dos gêneros que chama a atenção dos alunos
Fonte: Dados da pesquisa (2015)



Optamos pelo gênero fábula, pois além de ter sido considerado pela turma um gênero interessante, em virtude de ter como personagens os animais, possui o poder do encantamento provocado pelo maravilhoso um estilo literário em que o:

Maravilhoso é o 'extraordinário', o 'insólito', o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contem maravilha, do latim marabilia, ou seja, 'coisas admiráveis'(bobas ou execráveis, boas ou horríveis) contrapostas às naturalia (...). (CHIAMPI, 1980, p. 48).

Há que se considerar que as fábulas contêm em si traços da literatura do gênero maravilhoso, se considerarmos como insólito e extraordinário conversas e conflitos entre animais, que ganham voz e são dotados de atitudes e comportamentos humanos. Assim sendo, além de encantar e seduzir o aluno o gênero fábula vem também atender ao interesse da nossa pesquisa, que pretende refletir suscitar questionamentos sobre como o ensino aprendizagem da Língua Portuguesa pode contribuir para a construção de uma sociedade mais humanizada.

Sob a ótica de Fernandes (2001, p. 19):

Todas as histórias são produzidas de acordo com o que as pessoas de uma determinada época pensam sobre a sua sociedade, sobre o mundo e sobre o modo como vivem. Por meio da leitura e do estudo dessas histórias podemos conhecer um pouco os valores dessas sociedades, ou seja, aquilo que as pessoas acreditavam ser o melhor modo de agir para viver em sociedade.

Assim sendo as histórias, mais especificamente as fábulas, denotam as realidades em que viviam. Os fabulistas mais conhecidos são Esopo, o escravo grego que viveu no século VI A.C. a quem são atribuídas diversas fábulas entre elas a cigarra e a formiga, (cuja leitura, discussões e reflexões, nos propomos a realizar junto aos alunos). Esopo morreu, mas suas histórias continuaram vivas. Século XVII O francês Jean de La Fontaine escreveu muitas outras e revisitou algumas fábulas atribuídas ao escravo grego. No período em que viveu La Fontaine a França atravessava um período em que viviam reis e pessoas muito nobres e era um país muito importante por suas realizações culturais.

No início do século XVII muitos homens achavam que a razão (capacidade que temos de avaliar, de estabelecer relações, de compreender as coisas, etc.) e as ações dignas guiadas pela honestidade, a justiça, a bondade eram as coisas mais importantes a serem seguidas. Esses pensamentos aparecem principalmente, nas

manifestações artísticas de maior destaque na época – o teatro e a poesia-que apresentavam história sobre heróis belos e bons leais e justos. (FERNANDES, 2001, p. 29).

Assim sendo, percebe-se que os textos literários, são imbuídos dos valores, princípios preponderantes no contexto sócio cultural do período em que viveram os autores. Jean de La Fontaine escreveu muitos desses textos sob a forma de poesia, de acordo com o anexo. Citamos como exemplo a fábula o *lobo e o cordeiro* cuja autoria é atribuída a Esopo, que foi revisitada e reescrita em forma de poema, mantendo a mesma essência. No século XX o escritor brasileiro Jose Bento Marcondes Monteiro Lobato escreveu diversas historias para adultos e crianças. É autor do livro *Fábulas*, no qual recria e reconta fábulas de Esopo, de La Fontaine além de contar suas próprias historias.

O Brasil em que Lobato viveu era bem diferente da nossa realidade. Naquele período grande parte da população era rural. Vivia no campo. Havia poucas indústrias e as cidades eram bem menores. Varias ideias da Europa eram imitadas pelos brasileiros, enquanto os costumes próprios não eram valorizados. Entre outras coisas o autor defendia que nossos costumes e tradições deveriam ser valorizados, por isso foi chamado de nacionalista. Essas ideias e pensamentos se nos mostram nos textos com os quais nos presenteia o fabulista.

Percebemos que historias antigas em forma de narrativa curta, contendo ensinamentos e moral da historia , questionando atitudes e conduta do ser humano, vem se perpetuando através da historia, através do tempo, e mantendo a mesma essência e finalidade se estabelece em nosso contexto temporal e podem se constituir em importante instrumento para a educação humanizadora, haja vista o seu caráter educativo e de valorização da ética, e princípios morais.

Escolhido o gênero nos propomos a buscar estratégias de como utilizarmos, de que forma poderíamos lançar mão das fábulas com vistas a uma educação humanizadora sem, no entanto prescindir de trabalhar e ministrar conteúdos dos quais precisam se apropriar o aluno. Elaboramos planos de intervenção, (conforme ANEXO A) tendo como público alvo alunos de escola publica da rede estadual, ensino fundamental, mais especificamente 6º ano.

Trata-se de diretrizes que oportunizem ou contribuam para o conhecimento e produção. Acreditamos que esse gênero pode se constituir em um aliado para tornar mais atrativa a aprendizagem dos conteúdos, bem como, se constituir de

enorme valia no que se refere a suscitar no aluno o ato de pensar, discutir, questionar princípios e valores éticos e morais.

Abordamos o gênero fábula, como conteúdo, tendo o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre ele: conhecendo conceitos, características, estabelecendo correlações com outros gêneros apresentados. Tendo a preocupação de suscitar discussões sobre como conceituar, compreender, e perceber suas características.

Consideramos os aspectos relacionados às mensagens, ensinamentos, moral da história, abordados nos textos, chamando também atenção para aspectos gramaticais tais como coesão, coerência, ortografia, pontuação, enfatizando a compreensão e produção textual, questões de relevância para o ensino da língua materna, e a partir de então, levantaremos discussões, debates no que concerne a aspectos subjetivos, buscando fomentar no aluno o ato de pensar, refletir, enfatizando questões éticas, valores morais, sentimentos como respeito, solidariedade, gratidão, entre outros (Figura 1).

Figura 1 - Alunos do 6º ano com atividades sobre fábulas



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

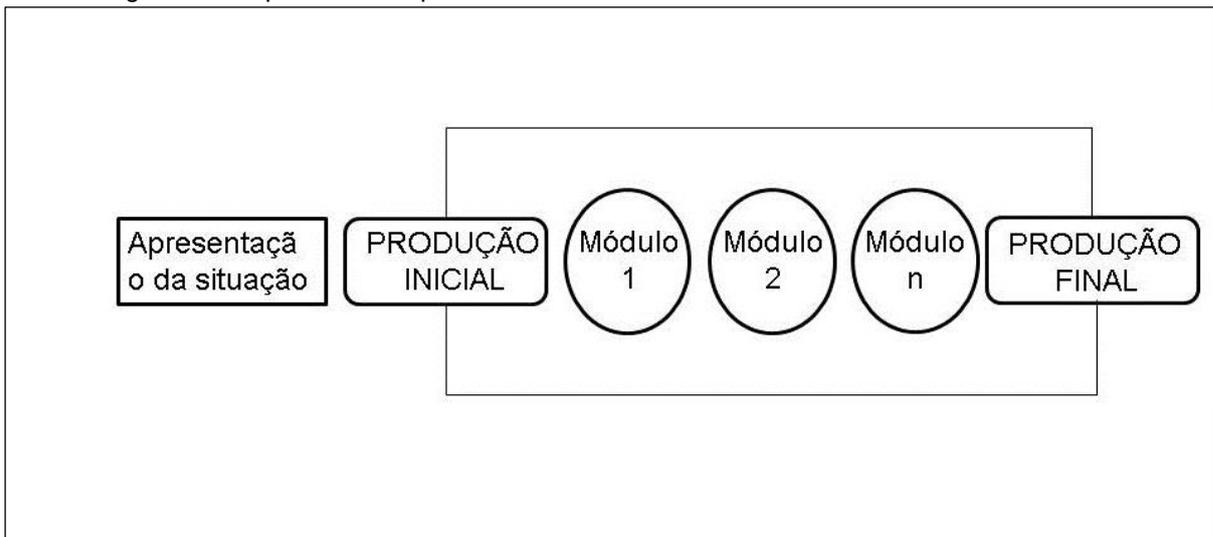
Os PCNs apontam a importância do desenvolvimento do senso crítico, isto é, que o aluno possa discernir para adotar uma postura responsável, crítica construtiva, que lhe possibilite perceber o quão importante é a sua contribuição no desenvolvimento de uma sociedade mais justa social e economicamente.

A nosso ver pelo caráter educativo e de certa forma moralizante pode vir a ser um instrumento auxiliie o professor no que se refere à construção dessa cidadania.

Tendo a preocupação de como realizar nosso trabalho, ou nossa pesquisa, sentimos a necessidade de um referencial teórico que nos servisse de subsídio para direcionar nossa atuação.

Buscamos respaldo teórico em uma sequência didática que “é uma sequência de módulos de ensino organizado conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”. (SCHENEWLY; DOLZ, 2004, p. 97), conforme (Figura 2).

Figura 2 - Esquema de sequência didática



Fonte: Adaptado de Schenewly e Dolz (2004, p. 97)

Dessa forma, utilizamos esse referencial no intuito de oportunizar ao educando uma melhor compreensão no que se refere ao gênero em questão, para em seguida adentrarmos questões de compreensão, interpretação, e a partir disso observarmos e levantarmos questionamentos no que se referem às questões éticas, valores morais e humanização.

Vale salientar a importância de que sejam contemplados e trabalhados os conteúdos exigidos quando do ensino da língua materna, pois estes são conhecimentos sistematizados dos quais devem ser detentores o aluno. Daí, a necessidade de diretrizes norteadoras dessa prática pedagógica.

A sequência didática um conjunto de atividades escolares, organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito e tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (SCHENEWLY; DOLZ, 2004, p. 97).

Dessa forma decidimos pautar nossas atividades com base nessa sequencia didática proposta pelos referidos autores, conforme discussões já realizadas.

No primeiro momento apresentamos os objetivos de se trabalhar com o gênero fábula, isso é iniciamos a apresentação aos alunos, comentando o que é quais as suas características. Levantamos questionamentos com o objetivo de oportunizar reflexões e participação nas discussões. De acordo com Dolz e schenewlly a apresentação visa expor aos alunos um projeto de comunicação do que será realizado. Ou seja, a apresentação da situação é o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação. Discute qual o gênero que será abordado, e pode ser solicitado ao educando a leitura ou a escuta do gênero visado. Daí termos a preocupação de apresentar o gênero, oportunizando a eles escuta, uma vez que optamos por narrar a fábula e em seguida verificar se houve o entendimento ou compreensão através de questões previamente elaboradas.

A partir da produção oral ou escrita podemos identificar entraves e dificuldades ou o que chamamos de problemas que aparecem na primeira produção e de traças estratégias dando aos alunos os instrumentos necessários para superelos, De acordo com Dolz e Schenewlly, (2004 p. 103)

“A atividade de produzir um texto escrito ou oral, é de certa maneira, decomposta, para abordar um a um e separadamente seus diversos elementos, à semelhança de certos gestos que fazemos para melhorar as capacidades de natação, nos diferentes estilos.”

Percebe-se, pois ser necessário identificar problemas ou dificuldades tanto orais como escritos e a partir disso traçar estratégias e disponibilizar ao educando instrumentos que venham auxiliar na superação deles. Nos módulos é que serão trabalhados esses entraves problemas e dificuldades para que posteriormente seja realizada a produção final.

5.2 Aula I: o estudo das fábulas

No primeiro momento fizemos uma abordagem sobre o gênero, buscando definir, mostrando características, fazendo-os relembrar o que já havia sido discutido anteriormente, o que eles já conheciam a respeito das fábulas, pois já haviam mantido um primeiro contato com o gênero por ocasião de utilização do livro didático, quando lhes foram apresentados os seus variados tipos.

Buscamos juntamente com eles relembrar o que já conheciam sobre fábulas. Lançamos algumas questões:

- **Professor:** Você conhece o gênero fábula?
- **Aluno 1:** Eu já li. No ano passado a professora falou
- **Professor:** E o que ela falou?
- **Aluno:** É uma história que tem... Uma história que fala dos animais.
- **Aluno 2:** E... Eu já escrevi uma historinha, uma fábula.
- **Professor:** Verdade? A sua fábula era pequena ou uma história curta?
- **Aluno 2:** Bem curtinha
- **Professor:** Então você acha que uma fábula é uma história curta.
- **Aluno:** É sim... Curta, bem.
- **Professor:** Sobre o que falava a sua história?
- **Aluno2:** Era... a história falava de uma formiga e acho que também de uma abelha.... uma abelha.
- **Professor:** E o que acontecia com elas?
- **Aluno:** A abelha só cantava não trabalhava, aí depois não tinha nada para comer. Aí foi pedir ajuda a formiga. Aí a formiga disse que não tinha nada pra dar a ela não.
- **Aluno 3:** Ah!!! Eu também já vi... já li uma história.
- **Professor:** E como era a sua história?
- **Aluno 3:** Era a história de um leão e de um rato. Acho que o rato roeu uma armadilha que o leão tinha caído.

- **Professor:** E como termina a historia?
- **Aluno 3:** O leão se solta, e vai simbora.
- **Professor:** Então vocês já viram que as fábulas são historias curtas... E o que mais vocês viram sobre as fábulas?
- **Aluno 4:** É...são historias que fala dos animais...
- **Professor:** O que mais vocês entenderam?
- **Aluno 5:** No fim tem um moral... É fala moral da historia...
- **Professor:** muito bem. Isso mesmo... Todo mundo muito afiado... Percebo que vocês já sabem muita coisa sobre fábulas... Vocês gostam de ler esse tipo de historinha?
- **Aluno 3:** E bom.... Às vezes é engraçado.
- **Aluno 2:** E eu acho bom porque não é grande... no instante a gente lê...

Nesse momento nossa maior preocupação recaia em ouvir, perceber o que os alunos já conheciam sobre o assunto. Através desse diálogo percebemos que os alunos já tinham um conhecimento prévio, sobre o gênero fábula. Eles identificaram ser essa, narrativa curta, e por isso mesmo, atraente. Exatamente por serem textos pequenos, curtos, dotados de uma linguagem clara, bem como por possuir ludicidade é que os alunos consideram ser este um texto de fácil compreensão, divertido e que traz um ensinamento.

Essa visão encontra respaldo em Moisés (1988, p. 227):

Narrativa curta, não raro, identificada com o apólogo, e a parábola, em razão da moral implícita ou explícita que deve encerrar, e sua estrutura dramática. No geral é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias deixa transparecer uma alusão via, de regra, satírica ou pedagógica aos seres humanos.

Percebe-se, pois que os alunos identificam ou reconhecem as fábulas, percebendo suas características, considerando-as por vezes, de fácil entendimento e de uma leitura prazerosa, haja vista, afirmarem ser “às vezes, engraçado”. Percebemos que por vezes ocorrer certa confusão como no caso do aluno que cita a abelha, quando na realidade fazia alusão à cigarra. Retomamos posteriormente de forma implícita, quando da leitura da fábula *a cigarra e a formiga*.

Outro aspecto importante, a nosso ver, diz respeito à extensão do texto. Constatamos que textos curtos, são por eles considerados mais interessantes e percebemos que ocorre uma maior motivação para a sua leitura e compreensão.

Selecionamos para compor o corpus da nossa pesquisa um total de cinco fábulas:

- *O lobo e o cordeiro*; fábula atribuída a Esopo e que discute a violência e a falta de argumentos.
- *A árvore e os viajantes*; Uma das fábulas de Esopo, encerra ensinamentos de gratidão e respeito a vida. Possibilita entre outros o trabalho de conscientização no que se refere à preservação do Meio Ambiente.
- *A cigarra e a formiga*; fábula de Esopo revisitada por vários escritores como La Fontaine e Monteiro Lobato.
- *A formiga boa*; Uma nova versão da fábula a cigarra e a formiga, apresenta um novo final , possibilitando a assim discussão e comparação entre as histórias e os personagens.
- *Os porcos espinhos*. Narrativa escrita por Schopenhauer, escolhida para compor o corpus do trabalho, em virtude de representar de forma alegórica o homem e suas relações sociais. Enfatiza a interdependência e a necessidade de aprender a viver em sociedade para que seja possível a sobrevivência.

Foram selecionadas essas fábulas, em virtude de acreditarmos que de forma simples e prazerosas elas nos oferecem a possibilidade de refletir e discutir junto com os alunos diversos aspectos que permeiam nossa realidade. Trazem implícito em seus conteúdos noções de princípios, valores, tais como solidariedade, respeito, gratidão, entre outros.

Iniciamos à apresentação (qual o objetivo de trabalharmos esse gênero e o que faríamos). A proposta inicial seria leitura, compreensão, discussão e produção do referido gênero.

5.3 Aula II: A cigarra e a formiga: propondo reflexões

Nesse momento nos ocupamos em ler, refletir e analisar junto com os alunos a fábula *a cigarra e a formiga*, em virtude de que um dos alunos se reportou a ela embora de forma equivocada acreditando ser os personagens uma formiga e uma abelha. No momento da mediação optamos por ouvir e só em outro momento, oportunizar que ele percebesse ser os personagens uma formiga e uma cigarra. Essa Fábula é atribuída a Esopo o qual segundo Souza (2004, p. 26) era um escravo, que depois de pertencer a vários senhores, recebeu a libertação justamente graças a sua inquestionável sabedoria. Viajou a vários lugares e graças a sua esperteza e argúcia foi muito respeitado até mesmo pelos reis. “Esopo viveu no Sec.”. VI A.C. período de muitos conflitos, e onde existiam apenas dois grupos de pessoas: os mais fortes e os mais fracos. Um povo queria dominar o outro. (FERNANDES, 2001).

Essa realidade, ou momentos vivenciados pelo autor se refletem nos textos, e nos trazem questionamentos sobre princípios e valores morais e éticos.

A fábula *A Cigarra e a formiga* foi revisitada pelo fabulista Monteiro Lobato sendo a partir dela, criadas novas versões: *a formiga boa* e *a formiga má*, que a exemplo da fábula de Esopo, também suscitam reflexões sobre as atitudes e comportamentos humanos. Dessa forma, achamos que seria oportuno, trabalhar o texto de Esopo, e em seguida estabelecer comparações mesmo que de forma oral entre os referidos textos, de Monteiro Lobato, observando as questões de intertextualidade. Através dessas comparações, buscamos uma mediação que venha oportunizar ao educando o ato de pensar, estabelecendo relação com o outro, através de questionamentos, enfatizando o comportamento, e as atitudes do ser humano, no texto, representados por animais irracionais.

Fizemos a narração da história no intuito de despertar o interesse bem como facilitar a compreensão.

– **Professor:** Hoje vamos conhecer mais uma fábula. Percebi que vocês já leram, já ouviram, sabem muito sobre o assunto, são craques.

Aluno 3: Craque é Neymar professora.

– **Professor:** Pois é... Ele é craque de futebol... E vocês são craques quando se fala sobre fábulas... (risos). Vamos conhecer hoje a fábula que tem o nome *A cigarra e a formiga*. Quem já leu? Alguém conhece?

– **Aluno 2:** Ah professora , eu já vi... é aquela que eu tava contando ...era uma cigarra num era abelha não.

– **Aluno 1:** Eu já vi também.

– **Professor:** Que bom que vocês conhecem. Me contem como é que começa a historia?

– **Aluno 2:** É a historia de uma formiga que trabalhava, trabalhava, trabalhava e aí uma cigarra que só queria cantar... só fazia canta... só ficava cantando cantando...pertubava o trabalho das formigas... pertubava muito aí ela não trabalhava, quando foi depois num tinha o que comê...

– **Professor:** E o que aconteceu?

– **Aluno 3:** Aí ela foi pedi ajuda a formiga... Ela foi pedi comida

– **Professor:** E a formiga ajudou?

– **Aluno 1:** Num sei... num lembro... acho que ajudou...(demonstra dúvida)

– **Professor:** Você não lembra o final da historia?

– **Aluno 2:** Ajudou não...até chamou ela de vagabunda...

– **Professor:** É mesmo? O que você acha disso que a formiga fez? Você acha que a formiga devia ter feito isso? Foi uma atitude bonita? É uma atitude de uma formiga legal? E sobre a cigarra o que você acha? É correto o que ela fazia?

Nossa intervenção nesse momento objetivou levá-los a refletir sobre atitudes e comportamentos humanos. O interesse era que o espaço escolar, onde ocorrem relações de aprendizagem e onde se oportuniza a formação pessoal e o conhecimento, fosse nesse momento utilizado no intuito de viabilizar reflexões e discussões sobre atitudes e condutas, visando despertar neles a consciência critica e a escolha, mesmo que ideológica, de condutas que podem ser aceitas ou não. Percebemos que os alunos se posicionam, discutem entre si e alguns rejeitam enquanto outros acolhem as diferentes atitudes.

- **Aluno1:** Eu acho que não... Era só dizer que num queria ajudá e pronto...
- **Professor:** Vocês acham que é correto, é certo ficar chamando as pessoas de vagabundo?
- **Aluno 2:** Mas ela não queria trabalhar...só ficava se divertino , cantando....aí depois ia pedi os outo...
- **Aluno 3:** Mas ela só fez pedi... num obrigou ela a ajudá...
- **Professor:** E por isso o outro pode maltratar?
- **Aluno 5:** Eu acho que não... num precisa ...ninguém pode...
- **Aluno 2:** mas um trabalha, e o outro não faz nada....assim é muito bom...
- **Professor:** Ok vamos ver como termina a historia. Todos vocês receberam o texto? Alunos... todo mundo já recebeu. Esperamos a resposta e continuamos: Vamos ler com calma, observando os detalhes, para saber o que aconteceu, em que lugar, quando e também pra gente compreender tudo e entender qual é a moral da história. Vamos fazer uma leitura silenciosa prestando atenção em todos os detalhes e informações que o texto traz. Com um lápis vocês podem ir marcando, sublinhando o que vocês acham importante para entender o texto. Reservamos um período para a leitura silenciosa. (Figura 3).

Figura 3 - Alunos sublinhando o que consideram importante em uma atividade de leitura



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Em seguida fizemos questionamentos que a nosso ver, contribuiria para que ocorresse melhor proveito no que se refere tanto ao reconhecimento do gênero como no tocante a compreensão do texto.

- **Professor:** Esse texto que vocês leram é um conto de fadas? Um conto? Um bilhete?
- **Aluno 2:** É uma fábula...
- **Professor:** Muito bem. Uma fábula de Esopo. Lembram? Quem era Esopo?
- **Aluno 1:** Era um escravo grego
- **Professor:** Isso mesmo... Muito bem... Qual o título?
- **Alunos:** A cigarra e a formiga (responderam vários alunos)
- **Professor:** E os personagens, quem são?
- **Alunos:** A cigarra e a formiga.
- **Professor:** O que fazia a formiga?
- **Alunos:** Trabalhava...
- **Professor:** Verdade. Nas historinhas sempre encontramos que a formiga é muito trabalhadora.

Buscamos nesse momento estabelecer uma relação entre o texto e o conhecimento ou informações já consolidadas. Questionamos:

- **Professor:** E a cigarra o que fazia? Só pela figura pelo desenho dá pra gente ter uma ideia? (Figura 4)
- **Aluno2:** Ela ficava cantando. Tinha uma viola embaixo do braço... (risos)

Figura 4 - Ilustração da fábula A Cigarra e a formiga.



Fonte: Leite (2004)

- **Professor:** (risos) cigarra boêmia, violinha embaixo do braço... saía por aí só cantando.....só na vida boa...
- **Aluno 3:** Eh Eh... aí depois ficou sem ter o que ê...
- **Professor:** Por que a cigarra não tinha o que comer?
- **Aluno2:** Por que ela não trabalhava... só queria cantar...
- **Professor:** E por que a formiga não quis ajudar?
- **Aluno 2:** Porque a cigarra era preguiçosa.... Só fazia cantar
- **Professor:** Vocês acham que a cigarra não trabalhava? Mas ela não estava cantando? Isso não é trabalho? Não existem pessoas que vivem só de cantar? Outros que são artistas, outros são bailarinos. Tem os atores... Tudo isso não é trabalho?

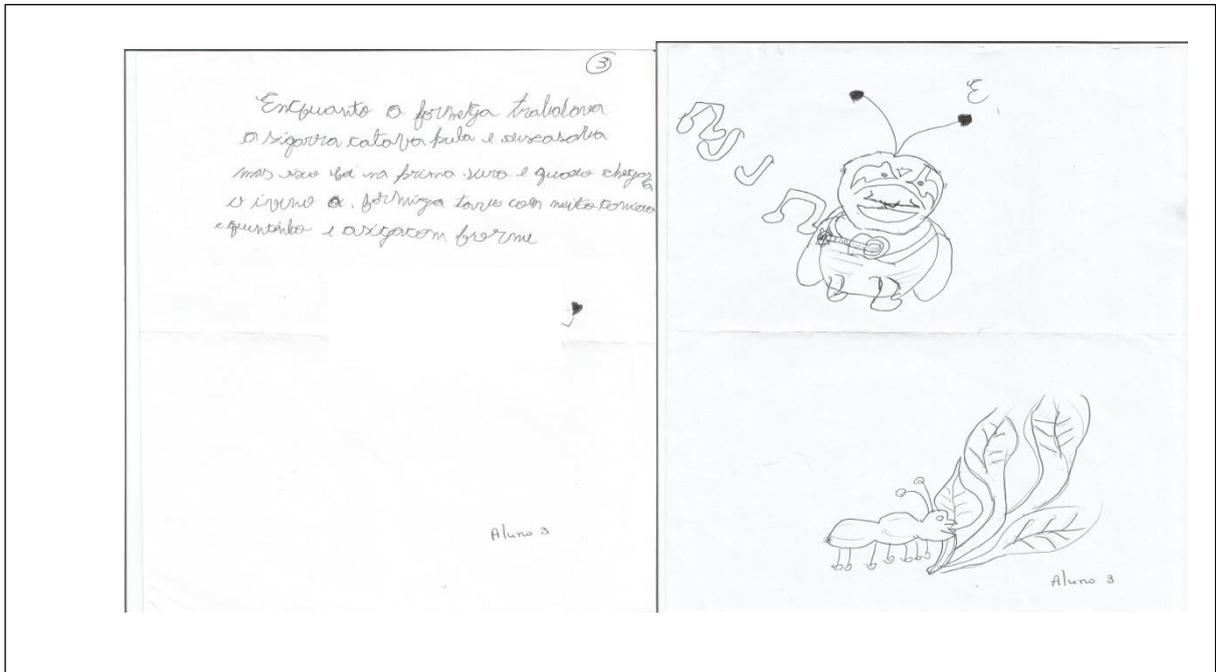
Os alunos discutiram entre si, enquanto uns achavam que cantar não é trabalho, outros defendiam que sim e faziam alusões a alguns cantores dos quais são fãs.

Buscamos durante o percurso elaborar questionamentos que colaborassem para a compreensão da fábula buscando estabelecer relações de causa e efeito existentes no texto, bem como traçar um paralelo entre as atitudes dos animais e o comportamento humano, enfatizando ou buscando atrelar o texto a vivencia pratica dos educandos. Questionamos com eles:

- **Professor:** que vocês entenderam desse texto, o que você aprendeu com ele? O que você acha que o autor quis nos ensinar ou quis dizer com essa historia?
- **Aluno1:** Eu entendi que a gente deve ajuda o outo.
- **Aluno 4:** Eu entendi que se a gente não trabalhá, não tem o que comê...
- **Professor:** Certo. Isso mesmo... Vamos ver... Lendo no texto vamos encontrar a Moral da Historia, o que o autor quis ensinar ou quis mostrar pra todos nós com essa historinha?
- **Aluno 1:** É... A Moral da historia diz assim (procurando no texto) - primeiro o dever, depois o prazer.
- **Professor:** Ok muito bem... e o que isso quer dizer? Por que o autor diz isso?
- **Aluno 1:** Por que a formiga fazia o dever e a cigarra num fazia.
- **Aluno 2:** E... tem gente que não quer ter trabalho... só que se diverti
- **Professor:** E o que vocês acham? Devemos primeiro cumprir o que a gente tem que fazer? Ou só pensar em diversão?
- **Aluno 2:** divertir é melhor...
- **Aluno 1:** É... é bom... mas depois fica pedindo as coisas aos outo...
- **Professor:** O que vocês acham que a gente pode fazer?
- **Aluno 2:** Faz o que tem que fazer e depois faz o que gosta...vai cantar, vai dançar, assistir televisão, ir pro face , jogar , vai fazer o que quiser...

Solicitamos aos alunos a produção escrita do texto, para que pudéssemos analisar suas dificuldades no que dia respeito a produção textual (Figura 4).

Figura 5 - Atividade de produção textual do Aluno 3



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

– **Professor:** (Final da aula) Na próxima aula daremos continuidade... Hoje trabalhamos a *cigarra* e a *formiga*. Na Próxima aula estudaremos a *formiga boa*. Vamos fazer a leitura e a interpretação comparando com essa historia que lemos hoje.

No desenrolar da aula, nos preocupamos em que o aluno tivesse uma boa compreensão do texto, pois consideramos de fundamental importância que os educandos adquiram a capacidade de ler, compreender e interpretar os textos. A nosso ver, isso constitui de imensa valia quando se trata do processo ensino aprendizagem da Língua Portuguesa. De acordo com Vygotsky (2004, p. 67) “A educação se faz através da própria experiência do aluno, a qual é inteiramente determinada pelo meio.”

Detivemo-nos em ouvir suas ideias suas opiniões, a respeito do texto, e ver como estabelecem relação entre a leitura e o contexto ou situações do cotidiano. Buscamos oportunizar discussões e debates no intuito de suscitar reflexões, exposição de ideias, que oportunize o pensar, concordar, discordar, influenciar e ser pelo outro influenciado, formando suas próprias opiniões, o que lhe será útil para posteriores tomadas de decisões.

5.4 Aula III

Retomamos no primeiro momento discussões no que se refere às dificuldades de escrita e produção textual encontradas nas suas produções. Colocamos no quadro, registros feitos por eles, obviamente sem identificá-los, situações que denotavam as diversas dificuldades e limitações no que se refere à ortografia, pontuação, acentuação, Nosso intuito foi contribuir para minimizar esses entraves. Devolvemos a eles os trabalhos e solicitamos novas produções. Reservamos um espaço de tempo para essa atividade e recolhemos ao final do período as produções por eles elaboradas.

5.5 IV: A formiga boa

Por ocasião desse encontro, discutimos a fábula a *formiga boa* ressaltando as diferenças de atitudes entre a primeira história e a segunda. Questionamos com eles sobre o novo final, a nova versão da história: onde a formiga gentilmente acolhe e cuida da cigarra, valorizando os seus dotes artísticos. Analisamos juntamente com eles a atitude dos personagens, o comportamento da formiga, e a , maneira de agir da cigarra. Suscitamos discussões sobre o fato de que a cigarra levava a vida a cantar, não se preocupando com as responsabilidades, ou não se prevenindo para as futuras situações.

- **Professor:** O que vocês acham da atitude dessa formiga, a formiga boa? E a cigarra, vocês acham que ela esta correta agindo assim?
- **Aluno1:** Ótima... ela foi muito boa.
- **Aluno 3:** A formiga ajudou a cigarra.
- **Professor:** E o que vocês acham disso? Se você pudesse escolher seria a formiga boa ou seria a formiga má?
- **Aluno 1:** Acho que a boa é mais legal...
- **Aluno 3:** Também acho que eu ia ser a formiga boa...
- **Aluno 2:** Num sei não... Eu ia ajudá... mas num era pra ficar só cantando não... tinha que fazer também as coisas.

– **Aluno 1:** Mas ela canta...

A partir das discussões, debates e questionamentos podemos perceber as ideias, a forma de pensar dos alunos. Através da produção textual detectamos as dificuldades no tocante a escrita, são visíveis as questões relacionadas a deficiências ortográficas. Palavras escritas de forma aglutinadas sem que haja espaço entre elas. Os alunos posicionam-se no que diz respeito às atitudes considerando-as boas ou más. Após a realização das discussões percebemos que ocorrem mudanças de ponto de vista, quando alguns educandos consideram a possibilidade de cooperar, ajudar, acolher desde que também possam receber de volta colaboração e reciprocidade. A utilização das fábulas oportuniza reflexão, discussões sobre comportamentos, oportuniza pensar sobre condutas que são aceitáveis ou não, o que contribui para a formação da personalidade e do caráter do educando.

5.6 Aulas V: Os porcos espinhos

Nesse encontro nos propomos a junto com os alunos proceder à leitura da fábula *os porcos espinhos*. Texto escrito pelo filosofo alemão Schopenhauer. O autor nasceu na Prússia e viveu de 1788 a 1860. Escreveu sua obra prima aos 30 anos “O mundo como vontade e representação”. O filósofo fala da relação entre sonhos e realidade afirmando ser impossível distinguir um do outro. Questionava o porquê de todo ser humano ter a vontade de continuar vivendo e afirma que o instinto de sobrevivência é cego, mesmo sabendo que a morte é inevitável nós continuamos a buscar a sobrevivência. Sua obra ideias e pensamentos influenciaram Freud e Nietzsche, tendo este último lhe conferido o codinome “cavaleiro solitário”. Faleceu aos 72 anos vítima de uma pneumonia, mas deixou ao mundo o legado de sua obra.

Escolhemos a fábula *os porcos espinhos* por representar de uma maneira alegórica a sociedade humana. Representa uma história onde são todos iguais, atravessam dificuldades, sofrimentos, lutam pela sobrevivência, precisando uns dos outros para que possam garantir a subsistência.

Nesse momento retomamos a discussão sobre o assunto fábula, fazendo a apresentação do que iríamos trabalhar e com que finalidade. Iniciamos as discussões colocando o título do texto.

- **Professor:** Hoje vamos continuar com o assunto que já trabalhamos há alguns dias. Mas a historia de hoje é diferente. Tem o nome *Os porcos espinhos*. Alguém aqui tem uma ideia ou já viu o porco espinho?
- **Aluno 1:** Não... Conheço não. (risos)
- **Aluno 2:** Já ouvi historia... Mas nunca vi... Aqui tem?
- **Aluno 4:** Só vi uma figura...nunca vi...nem em televisão.
- **Professor:** (mostrando uma figura que representava o porco espinho) Será que a figura que vocês viram é igual a essa?

Figura 6 - Ilustração representando os porcos espinhos da fábula



Fonte: Figura A: <http://conectividadescrita.blogspot.com.br/2011/06/voce-conhece-fabula-do-porco-espinho.html>. Figura B: http://ed-arte.blogspot.com.br/2009_11_01_archive.html

- **Aluno 2:** É...parece que é... É assim mesmo... E. Acho que a que eu vi era bem maió.
- **Professor:** Vocês percebem que ele tem muitos espinhos? São muitos... e protegem o animal dos seus predadores... Alguém sabe o que são predadores? Já ouviram falar?
- **Aluno 1:** Acho que é assim... E... Quando o gato come o rato... (fala em tom de duvida)
- **Aluno 2:** Que...quando o gato come rato? Quer saber de tudo... (risos)
- **Professor:** Vamos ouvir a historia para entender melhor... Preste atenção por que depois da narração eu quero ouvir o que vocês entenderam.

Pronto? Então vamos começar: Há muitos anos num lugar bem distante, durante período de muito frio, muitos porcos espinhos não conseguiam sobreviver. Ficavam congelados e iam morrendo... Morreram vários, muitos, ate que os poucos que iam sobrevivendo iam se juntando e se aqueciam, ficavam quentinhos, e por isso não sentiam frio (mostramos figuras de muitos porcos espinhos juntos), assim eles foram sobrevivendo e esperando que o inverno, o período frio, fosse embora. Mas como podemos perceber os animaizinhos tinham muito?... Muito... o que pessoal?

– **Alunos:** eles tinham muito friu

– **Aluno 2:** Eles tava tudo com muito medo.

– **Professor:** (mostrando a figura) O que e que eles tinham que não deixava que eles ficassem juntos uns dos outros... O que incomodava aos outros?

– **Aluno 1:** Acho... sei não... acho que era... os espinhos.

– **Professor:** Muito bem só tem artista na sala... Esses meninos são espertos sabem de tudo...Isso mesmo... Tinha muitos espinhos. E esses espinhos começaram a machucar ou ferir principalmente a quem?

– **Aluno 1:** começou a ferir o outro que estava bem pertinho dele.

– **Professor:** Justamente feria o porco espinho que estava mais pertinho... Aquele que estava mais perto... Mais próximo... O que produzia maior calor... E o que aconteceu? Como ninguém gosta de ser furados, eles começaram a brigar, se desentenderem e acabaram por se afastar... Ficaram distantes um do outro... Eles não conseguiam viver bem com o outro por causa dos espinhos... E o que aconteceu? O que vocês acham que aconteceu?

– **Aluno 1:** Acho que eles ficaru vivendo só...cada um foi procurar um canto... Procurar um jeito de não morrer...

– **Aluno 2:** Como ? E o frio?

– **Aluno 3:** Acho que eles acenderu uma fogueira para se esquentar....

– **Aluno 4:** Como e que eles vão fazer uma fogueira? Eles nem tem fosco como vão acender o fogo?(risos).

– **Aluno 5:** Eu acho que eles “fizeru” foi morrer... Morrer de frio... Morreru de frio e de fome...

- **Professor:** Então vamos ler a historia para a gente saber o que foi que aconteceu... Será que eles ficaram sozinhos? Será que eles fizeram uma fogueira? Será que eles morreram? Vamos ver no texto o que foi que aconteceu...
- **Aluno 4:** Não, professora...Conte... Se você contá fica mais fácil de entender... Tenho... eu num gosto de ler não, tenho muitas preguiça de ler...(risos).
- **Aluno 1:** Na historia diz que eles num “ficaru” só não.... Eles “ficaru” tudo junto de novo... “Ficaru”... Uns “morreru”, os que “ficaru” separado, mas ai eles “viru” que tinha de ficar junto.

Vale ressaltar aqui a afirmativa do aluno, de não gostar da atividade de leitura evidencia-se de forma clara, a preferência de ouvir a historia, sem se preocupar em realizar a leitura propriamente dita.

A esse respeito Azevedo (2002, p. 329) ressalta:

Quando falamos em formação para a leitura referimo-nos a praticas que sendo estimuladoras, do prazer de ler permitam uma adequada negociação de sentido entre o texto e o leitor o que super. Interações discursivas que, não rasurando as dimensões textuais, não imponham o modelo de uma leitura única e monológica do fenômeno literário.

O autor ressalta a necessidade de práticas de leituras que venham estimular o prazer de ler, práticas essas que sejam imbuídas de possibilidades de resignificação. Pontes (1998, p. 15) considera esses aspectos de relação do texto com as experiências do leitor, transformaria a leitura:

[...] de um ato mecânico, perceptivo, em um momento significativo, em que se de o prazer de Ler, porque a criança ao ler um texto que tenha relação com suas experiências, seus interesses e suas necessidades, faz com que surjam nela ideias e um a vontade de conversar com o autor, e o fato da leitura lhe provocar isso faz suscitar um desejo de ler sempre mais, tornando o texto um a fonte inesgotável de saber sobre o seu mundo, e é isso que dá sentido ao texto: o seu uso para a vida, e não cumprir obrigações escolares.

A autora nos chama atenção para o fato de que a leitura precisa ser prazerosa, resignificada respeitando os conhecimentos prévios do aluno, para

então a partir daí, prosseguir em busca de mais conhecimentos ou mais prazer de ler. E necessário que o aluno tenha conhecimento prévio do, do texto que esta lendo, e partir de então, descobrir novas informações, novos gêneros, novos significados.

Após as colocações feitas, buscamos retomar a atividade direcionando agora para a produção escrita, uma vez que eles haviam produzido uma atividade oral.

– **Professor:** Todos vocês receberam o texto, não receberam? Falta alguém receber? Ok. Então vamos ler para poder melhor entender a historia, ver o que aconteceu... Quando a gente faz a leitura a gente entende melhor... A gente percebe mais detalhes, o que o autor quer nos mostrar... Entende coisas que não iríamos entender se fosse só ouvindo, sem nos atentarmos para a escrita... Vamos perceber a escrita correta das palavras, a pontuação. Vocês sabiam que ela nos ajuda a compreender melhor o texto? Dependendo da pontuação a frase pode ter um significado totalmente diferente...

– **Aluno 1:** Não entendi! Como é? O que você disse? Pode ser o que?

– **Professor:** Eu estou falando dos sinais de pontuação. Esses sinais são muito importantes. Vocês lembram-se deles? Alguém lembra? (Esperamos alguns instantes pela participação dos alunos). Em seguida iniciamos a lembrar de alguns, no que fomos lentamente acompanhados.

– **Professor:** Podemos lembrar, por exemplo, da vírgula, do ponto final.

– **Aluno 1:** Aquele que é para fazer pergunta...como é o nome?

– **Professor:** Muito bem... o ponto de interrogação...

– **Aluno 3:** Tem os dois pontos... tem também o travessão...

– **Professor:** Muito bem... Percebo que vocês lembram... Viu como vocês sabem? E vocês sabem também por que eles são importantes? Porque eles nos ajudam a compreender melhor, eles nos ajudam a entender melhor a frase, o texto, o livro, enfim tudo o que a gente lê. Lembro que há muitos e muitos anos quando eu ainda era pequena li uma historinha que contava o seguinte: Um rei de um país muito famoso foi convocado a participar de uma guerra que aconteceria. Como ele era muito supersticioso foi consultar o oráculo para saber se deveria ir ou

não... Alguém aqui sabe o que é um oráculo? Alguém já ouviu falar? (esperamos que algum aluno se pronunciasse).

– **Aluno 2:** É um lugar de oração? (demonstra dúvida)

– **Professor:** Mais ou menos. É uma pessoa que tem o dom de adivinhar... de prever as coisas, saber o que vai acontecer....Então como o rei queria tirar a dúvida, foi conversar com o oráculo. O rei conversou com o oráculo, disse da vontade de ir à guerra e perguntou se deveria ir ou não. O oráculo respondeu escrevendo assim: *Irás. Voltarás. Não morrerás ali.* O rei ficou muito feliz, muito confiante e viajou para fazer parte dos grupos que iam para o combate, que iam para a guerra. Passaram os dias e o rei não voltava, passaram semanas e o rei não voltava, passaram meses e o rei não voltava. Até que um dia chegou a notícia da morte do rei. O país todo chorou e todos reclamaram com o oráculo dizendo que ele havia feito a previsão errada. Ao que o mago respondeu: Não. Eu respondi certo. *A pontuação* é que ele entendeu errado. O que eu respondi foi: *Irás. Voltarás? Não. Morrerás ali.* Viram que a pontuação, os sinais de interrogação e o ponto fazem muita diferença? Pois é. Mudou todo o sentido da frase.

– **Aluno 1:** E verdade isso professora?

– **Aluno 2:** E só uma historia... você não entende nada... ahhhh (risos)

– **Aluno 1:** É verdade professora?

– **Professor:** Eu li num livro de historia...Você acha que essa historinha é uma fábula?

– **Aluno 2:** Eu sei não... eu acho... acho que num é não...(parece estar em duvida)

– **Professor:** Essa historinha é uma fábula? Quem acha que é uma fábula?

– **Aluno 6:** Não sei... Acho que é... é não? (demonstra duvida)

– **Professor:** Por que você acha que é?

– **Aluno 2:** É não... num é fábula não...

– **Professor:** por que você acha que não é?

– **Aluno 2:** Por que quando é fábula tem os animal...

– **Professor:** Quando é fábula tem os animais... e tem mais outras coisas...o que são as outras coisas?

- **Aluno 1:** Tem... tem... aquele negocio...que é moral... Moral da historia.
- Aqui nos ocupávamos de detectar se o gênero fabula já havia sido compreendido. Buscávamos perceber se eles já identificavam o referido gênero.
- **Professor:** Ok. Vamos retomar a leitura do nosso texto. Vamos olhar com atenção o texto que recebemos para fazer a leitura.
- **Aluno3:** Vixe... professora é para copiar a leitura?
- **Professor:** Não. Copiar não. Quando dizemos fazer a leitura é para ler o texto.
- **Aluno3:** Ah tá... se fosse para copiar...queria fazer não... muito ruim escrever...

Detivemo-nos aqui, contando uma história no intuito de com eles discutir aspectos da Língua Portuguesa, discutindo a importância da pontuação, em virtude de percebermos em seus textos e escrita essa vulnerabilidade. Essa atitude oportuniza também um ambiente de descontração onde se dá de forma mais prazerosa o aprendizado e ainda estabelecemos comparação para reconhecimento dos gêneros.

Foi feita a proposta de uma leitura individual e silenciosa que a nosso ver, iria favorecer o contato com o texto de forma mais pessoal e intimista, oportunizando ao educando o contato com a linguagem escrita, acreditamos, que isso facilitaria a sua compreensão.

Após reservar um tempo para essa leitura, nos preocupamos em perceber se o texto foi compreendido pelos alunos, incentivamos a sua participação no sentido de responder oralmente questões tais como: qual o título da historia? Onde aconteceu? Em que tempo acontece a historia? Passado? Presente? Futuro? Quem são os personagens? Como termina a historia? Esse texto tem moral da historia? Qual é? Essa historia ensina alguma coisa para nossa vida? O que você aprendeu? Os alunos participaram das respostas, dando suas opiniões e contando o que tinham compreendido. Nossa mediação se deu tendo como finalidade constatar se o texto foi compreendido, se os alunos compreenderam e interpretaram o que foi lido.

Outro momento foi solicitar aos alunos que contassem a historia. Solicitamos um voluntário que se dispusesse a tal. Um dos educandos apesar de denotar timidez, se pronunciou e logo em seguida os outros resolveram interferir, participando da narração. Buscamos fazer a mediação, elaborando questões tais como: Como começa a historia?

- **Aluno 1:** Começa falando num tempo muito frio
- **Professor:** Isso mesmo... E quem eram os personagens?
- **Aluno 1:** Os porco espinhos.
- **Professor:** O que aconteceu com eles?
- **Aluno 2:** Eles “morreru”
- **Professor:** Morreram todos?
- **Aluno 2:** Todos não... Só um bocado... Os outros sobreviveram.
- **Professor:** Por que foi que uns sobreviveram e outros não? Por

que os outros morreram?

- **Aluno 1:** Por que eles ficaram só se... Só se esquentando um no outro... aí eles num morreru não... eles ficaram juntos...bem juntinhos para se esquentar...
- **Professor:** Como eles faziam para se esquentar um no outro?
- **Aluno 1:** Ficava bem pertinho do outro colado, colado...
- **Professor:** quanto tempo eles permaneceram assim se esquentando um no outro?

– **Aluno 2:** Ficaram muito tempo aí um dia...Como eles tinha muito espin... Os espin de um... começou a ferir... começou furar o outro...aí começou a brigar...

- **Professor:** E o que eles fizeram?
- **Aluno 1:** Aí eles começou a brigar, brigar, brigar, aí se “separaru”...
- **Professor:** como termina a historia?

– **Aluno 2:** quando eles se separaru começou a morrer..foi tudo morrenu...aí eles viru que só podia viver se fosse tudo junto, pra...Porque... é...um ia esquentá o outro...

- **Professor:** mas e os espinhos? Eles não ficaram se machucando?
- **Aluno2:** Era... Os espin furava, mas... Tinha que ficar junto, porque se não ficasse junto eles ia tudo morrer.
- **Professor:** E o tempo todo eles ficaram se machucando? Como termina a historia?
- **Aluno 1:** Eles acharu um jeito de ficar junto e num ficar só se furano
- **Professor:** E qual foi o jeito que eles acharam?
- **Aluno 2:** Foi ficar perto , ficar perto mas não assim... não junto demais... junto demais... Assim tinha que ter um espaçozinho... ficá um pouquin longe para os espin não chega no outro...
- **Professor:** O que vocês entenderam desse texto?
- **Aluno 1:** Eu entendi que quando tá frio demais a gente pode morrer...
- **Professor:** Vocês acham que o que aconteceu com os porcos espinhos pode acontecer com as pessoas?
- **Aluno 2:** pode sim....É... Se fizer muito fri a gente pode... Congelá. Pode morrer... Se fizer fri demais.... as pessoa morre....quem aguenta o fri?
- **Professor:** assim como os porcos espinhos se machucaram você acha que uma pessoa pode machucar outra?
- **Aluno 2:** Pode sim.... Uma pessoa pode ferir a gente, e a gente também pode ferir, machucar... Pode assim até sem querê a gente pode furar o “Ôto”...
- **Professor:** E como e que podemos ferir o outro?
- **Aluno 1:** Fazendo o que a pessoa não gosta, não quer...
- **Professor:** E quem são as pessoas a quem nós podemos ferir? Vocês acham que a gente pode ferir nossa família? Nosso irmão? Nosso pai nossa mãe?
- **Aluno 4:** Ferir não.... Mas fazer raiva à gente pode sim.... a gente faz...
- **Professor:** E os outros também fazem raiva a vocês? Seu irmão, seus amigos, seus colegas. Vocês se chateiam uns com os outros?

- **Aluno3:** Meu irmão briga muito comigo... Eu queria não ter irmãos.
- **Professor:** Você queria ser sozinho? Sem nenhum irmão?
- **Aluno3:** Era melhor... Ninguém ficava reclamando, querendo mandar...
- **Professor:** Qual a moral da historia?
- **Aluno 2:** Num entendi não
- **Aluno 1:** Mostra que a gente precisa do outros
- **Professor:** Isso mesmo.

Após a narração foi solicitada aos alunos uma produção escrita da fábula. Ficou combinado que daríamos continuidade ao trabalho na aula seguinte.

Ao término desse encontro recebemos os textos por eles produzidos para que pudéssemos avaliar o que compreenderam, bem como, perceber suas dificuldades no tocante a escrita.

Na aula seguinte discutimos com eles as questões gramaticais. Discutimos questões ortográficas, bem como nos detemos no significado das palavras. Etapas que consideramos importante para a leitura compreensão e produção textual. Percebemos marcas de oralidade no texto... Como repetição de palavras, por vezes não há uma continuidade de ideias, ou se percebe não haver uma compreensão maior do texto, restringindo-se àquilo que está de forma explícita no texto. No que se refere à escrita percebemos dificuldade no tocante a redação.

Vale ressaltar que em estudo sobre fábulas Portella (1983), comenta ser a fábula composta de dois aspectos: - uma breve narrativa e – uma lição ou ensinamento. A esses dois aspectos, La Fontaine denominou de *corpo* e *alma*, O corpo é representado pela narrativa, sua estrutura, que trabalha as imagens e dá forma sensível às ideias gerais. A alma são exatamente as verdades gerais corporificadas na narrativa. E essas verdades gerais são inerente a toda humanidade. A narrativa se constitui o corpo, enquanto a moral da historia pode ser vista como a alma. Daí porque nos utilizarmos desse gênero para trabalhar a Língua Portuguesa numa perspectiva humanizadora. Percebemos no decorrer dos nossos encontros que os alunos se posicionaram, se fizeram ouvir, fizeram a exposição de suas ideias, houve interação e discussões que oportunizaram o ato de pensar, e a

reflexão, conseqüentemente contribuindo para o exercício da cidadania o que nos parece de grande relevância, pois segundo Freire (1998, p. 37):

[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: O seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheios à formação do educando.

Daí entender-se que trabalhar os conteúdos requer uma proposta onde estejam presentes o diálogo, as relações interpessoais, que favoreçam ou oportunizem a formação para a cidadania plena.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o momento de tecer comentários a respeito do texto, considerações essas passíveis de mudanças, haja vista serem inconclusas, inacabadas, podendo ser vistas, revistas e revisitadas.

Nosso trabalho surgiu em decorrência das inquietudes e angústias que permeiam a nossa prática pedagógica, haja vista o atual contexto, período de imensa euforia tecnológica, tempo conturbado de visíveis mudanças, muitos conflitos e transformações, as quais se dão em escala mundial, sendo consequência dos diversos fatores e processos que caracterizam novas realidades nos aspectos sócios, políticos econômicos e culturais.

Buscamos uma compreensão mais ampla sobre as causas que desembocaram nesse contexto tão dinâmico e complexo. Um contexto histórico permeado de profundos desenvolvimentos, imensas transformações que ocorrem no campo da tecnologia, no campo da Educação, na produção econômica, adentrando o nosso cotidiano, atingindo às formas de convivência, as formas de sociabilidade e assim sendo, ocasiona mudanças na vida cotidiana do ser humano.

Ocupamo-nos de buscar compreender, como se insere a educação nesse contexto. Que educação seria condizente com o atual momento. Também nos ocupamos de buscar melhor compreensão sobre qual o papel do educador nesse contexto. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação assegura ser a finalidade da Educação básica “desenvolver o educando assegurando-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Percebe-se de forma implícita a necessidade de que a Educação oportunize ao aluno uma formação com vistas ao exercício da cidadania. Implícito encontram-se fatores como: noções de direitos e deveres, conhecimentos éticos, visão de mundo, consciência crítica, visão e princípios e valores sem os quais não se faz possível à cidadania.

Definimos como objetivo geral da nossa pesquisa identificar, de que maneira o ensino aprendizagem da Língua Portuguesa pode contribuir para o resgate do humano, para o resgate de valores e princípios morais apontando para condutas e comportamentos pautados pela ética.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam como sendo de grande relevância o trabalho com gêneros textuais ou gêneros discursivos em sala de aula. Seguindo essas diretrizes nos empenhamos em perceber junto ao aluno, qual o gênero textual lhe parecia mais atrativo. Nesse sentido elaboramos e aplicamos questionários que identificassem qual o gênero, por eles, considerado mais interessante, que mais lhe chamava atenção. Elegeram o gênero fábula, em virtude de ser esta uma história divertida, cujos personagens são animais, aos quais são atribuídas atitudes do ser humano.

Definido o gênero, nossa preocupação recai sobre como fazer. De que maneira fazer uso desse instrumento? Sentimos a necessidade de buscar diretrizes que norteassem nossa prática, nossa mediação com vistas à educação humanizadora tendo o gênero fábula como instrumento, ou aliado.

A sequência didática proposta por Scheneuwly e Dolz nos foi de grande valia haja vista, colaborar para a organização e direção das situações de aprendizagem-uma das competências propostas e discutidas por Perrenoud (2000).

Quando se fala em organizar e mediar situações de aprendizagem fala-se de conhecer os conteúdos a serem ministrados bem como os objetivos de aprendizagem partindo da representação dos alunos, valorizando e resgatando seus saberes. Essa visão nos acompanhou durante toda a realização do nosso trabalho e ocupa lugar de destaque no nosso fazer pedagógico.

Ao utilizarmos os debates e discussões em sala de aula a partir das fábulas objetivamos proporcionar que houvesse a troca de informações, a interação, no intuito da construção de novos saberes e novo olhar sobre situações do cotidiano às quais estamos, todos, expostos. Abordamos aspectos relacionados à aprendizagem dos conteúdos sistematizados, por considerarmos, que o aluno não pode prescindir desses saberes, tanto em função do prosseguimento para estudos posteriores, bem como no que diz respeito ao conhecimento para sua cotidianidade.

A nosso ver o uso do gênero fábulas, em sala de aula se constitui muito interessante em virtude de diversas questões: O aluno é por ele seduzido. Fato não corriqueiro em sala de aula. Em virtude de ser um texto ou história pequena, desperta seu interesse. A ludicidade, a fantasia torna a leitura prazerosa. Ocorre o envolvimento do aluno.

Portella (1983) enfatiza ser a fábula composta de corpo e alma. Sendo a narrativa o corpo, enquanto que a Moral da história se constitui a alma, sendo essa a

essência da narrativa. Assim sendo esse gênero, se constitui para nós um excelente aliado em virtude de nos oferecer elementos para o estudo da língua. Por seu intermédio podemos abordar a leitura e a compreensão de texto. Aí implícitas inúmeras questões relacionadas ao conteúdo e conhecimentos sistematizados da Língua Portuguesa. Como por exemplo, classes gramaticais, sinônimos, figuras de linguagem, coesão, coerência, pontuação, entre muitos outros. Estudamos assim o corpo da fábula, proporcionado a aquisição de conhecimentos sistematizados.

A alma - Moral da Historia- oportuniza ao aluno o ato de pensar. Questionar atitudes e valores humanos, através das ações dos animais protagonistas do texto. Justificamos aí, a sua utilização em sala de aula, quando se pensa em educação humanizadora. Alinhamos com Candido (2004) quando considera humanização o processo que confirma no ser humano, traços de fundamental relevância para o exercício da cidadania. A aquisição do saber é por ele vista como traço de humanização, haja vista, o processo de aprendizagem ser algo inerente ao ser humano, assim como a percepção da complexidade do mundo, e o afinamento das emoções. Todos esses traços podem ser vistos, discutidos em sala de aula através do gênero fábula, de forma prazerosa e lúdica, o que facilita a compreensão e o aprendizado, oportunizando ao aluno o ato de pensar.

Alves (2003) comenta sobre isso: pensar é voar sobre o que não se sabe. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. Percebe-se Implícito o processo de aprendizagem, através do despertar da curiosidade, do questionamento, tanto para a aquisição de conhecimentos e construção de novo olhar sobre as circunstâncias em que vivem, como também para o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza a percepção da complexidade do mundo, todos esses traços que Cândido (2004) aponta como humanização. A utilização do gênero fábula descortina novos horizontes, novas possibilidades, com vistas a esse aprendizado. Podem ser trabalhados aspectos gramaticais, transformação de um gênero em outro, como, por exemplo, histórias em quadrinhos, utilização de gêneros digitais, construção de poemas, peças teatrais para encenação, dramatização, fantoches e outras atividades lúdicas que atraem a atenção do aluno, proporcionando aprendizado significativo. Discussões questionamentos no que se refere à moral da historia, que se constitui sua essência, oportuniza ou contribui para o ato de pensar e a partir disso, adotar ou rejeitar determinadas atitudes, condutas ou comportamentos.

Importante, no entanto, perceber, ou elencar quais fábulas, para que leitor. Observando as diferenças entre eles: A idade, o gênero masculino ou feminino, seus conhecimentos, suas histórias de vida.

Vale ressaltar a importância do trabalho em equipe, da participação de todos os envolvidos na comunidade escolar. Há que se enfatizar a atuação do professor. Sua mediação é de grande relevância. Daí insistirmos na importância da formação, a qual precisa realmente ser contínua, dada ao processo dinâmico em que passa a sociedade atual e porque não dizer a educação. Alinhamos com o governador Virgílio Távora quando condecorou o professor chamando-o “Engenheiros do espírito”, dada a sua intervenção no engendramento, na formação ética, moral e intelectual do educando. Coadunamos com Guimaraes Rosa quando nos diz que “o mais bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, não foram terminadas, mas que vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior é o que a vida me ensina. Isso me alegra de montão”.

Esse inacabamento do homem, sua constante evolutividade pressupõe uma contínua aprendizagem, fato que só ao homem acontece. Verifica-se então a fundamental relevância da educação, da escola, do educador, nesse processo dinâmico que é a formação do caráter e da personalidade do educando, constituindo-se um fio condutor, no que se refere a cultivar os valores humanos, e assim contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e humana. Na Educação, mais especificamente no ensino da língua portuguesa, percebe-se a necessidade de traçar estratégias que venham colaborar para que sejam alcançadas esses objetivos. Nosso processo interventivo teve o intuito de utilizar as fábulas como instrumento que favoreçam ao aluno o ato de pensar, de por vezes se colocar no lugar do outro, (o que se fez presente por diversos momentos durante nossos encontros) e assim repensar suas atitudes e comportamentos. Sabemos que para alcançar esses objetivos, necessário se faz um trabalho contínuo, cujos resultados se farão visíveis em longo prazo, haja vista ser de caráter subjetivo, não nos permitindo quantificar, definir números. Entretanto podemos perceber indícios de que ao pensar, refletir, e se colocar no lugar do outro o aluno consegue demonstrar uma conduta menos agressiva. Quando discutindo sobre os personagens da fábula (geralmente os animais) estabelece com eles uma empatia que na maioria das vezes se dá com aquele cuja conduta e atitudes são solidárias e menos competitivas. Sabemos das limitações e dificuldades de se alcançar objetivos tão

importantes e ao mesmo tempo tão subjetivos. Entretanto consideramos ser a fábula um instrumento que vem colaborar no sentido de construção de um novo olhar sobre o mundo. Percebemos no decorrer dos debates e discussões que houve aproveitamento por parte dos alunos, pois se envolveram e aprenderam tanto no que se refere ao conhecimento sistematizado da língua, como também no que se refere ao aspecto da humanização. Ocorreu troca de informações e mudanças de ponto de vista, a partir das discussões e da interação entre eles. O respeito às opiniões diversas, por eles demonstrado, a nosso ver já se constitui algo de grande valia.

Hoje percebemos que os alunos procuram ser um pouco mais respeitosos uns com os outros. Percebemos em dado momento, por ocasião de festejos e comemorações escolares, alunos se prontificando a colaborar com o colega mesmo quando este não faz parte do seu grupo ou turma, sendo antes um opositor, haja vista, o evento ser de caráter competitivo. Atitudes como essas, nos motivam a trabalhar esse gênero. De alguma forma nossa prática pedagógica precisa contribuir para a humanização. Nesse desafio as fábulas se constituem aliado haja vista a ludicidade que torna o aprendizado prazeroso, oportuniza o pensar, colocar-se na situação do outro e a partir de então se consegue oferecer ou oportunizar instruções que visam contribuir para o aperfeiçoamento do caráter e da personalidade do aluno, contribuindo para a sua formação o que indubitavelmente se constitui fundamental para a construção de uma sociedade que prioriza os valores humanos.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores refletivos em uma escola refletiva**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2003.
- AZEVEDO, F. **Texto Literário e Ensino da língua. A escrita surrealista de Mario Cesariny Braga**. Universidade do Minho. Centro de estudos humanísticos, 2002.
- BAGNO, M. Fábulas fabulosas. *In*: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 50 – 52. Disponível em: <http://www.alem dasletras.org.br/biblioteca/material_formadoras/Salto_para_o_futuro_Praticas_de_leitura_e_escrita.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2015.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BALDISSERA, A. **Pesquisa ação uma metodologia de conhecer e do agir coletivo**. Sociedade em debate. Pelotas 7 agosto 2001.
- BARBOSA, J. R. A. **Linguística, outra introdução**. Mossoró: Queima bucha, 2013.
- BAZERMAN, C. **Gêneros, agencia e escrita**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. et al. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BRAIT, B. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretária de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Lei 9394/96. Disponível em: <w.mec.gov.br>. Acesso em: 17 maio 2015.
- CÂNDIDO, A. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: perspectiva, 1980.

COLOM CAÑELLAS, A. J. La educación como comunicación. *In*: CASTILLEJO, J. L. et al. **Teoría de la educación**. Madrid: Taurus Universitária, 1994.

CORDEIRO, J. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, A. R. da; SILVA, M. I. da. **Proficiência da leitura e o papel da escola no processo de formação de leitores**. Rev. Científica da FECRA. v. 1. N.1, abril/out, 2012.

DEMO, P. **Professores do futuro e reconstrução do conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FERNANDES, M. T. O. S. **Fabula**. São Paulo: FTD, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. G. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRG, 2009.

HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus editorial, 1980.

LEITE, I. A. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Escala Educacional, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MARCHUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19 – 36.

MARTINS, A. **O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MATURAMA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2001.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 5. ed. São Paulo: Culturix, 1988.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NASCIMENTO, F. S.; SCARELI, G. **As fábulas na contemporaneidade: um estudo sobre “o Lobo e o cão” de Esopo**. *In*: V Colóquio Internacional “Educação e

Contemporaneidade”, 2011, São Cristóvão – SE. **Anais...** São Cristóvão: V Colóquio Internacional, 2011, p. 1-12.

NEVES, G. I. **Pesquisa ação**. Curitiba: Educar, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discursos e leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIRES, W. R. **Dos reflexos à reflexão**: a grande transformação do relacionamento humano. Campinas: Komedi, 1999.

PONTES, V. M. de A. **Biblioteca escolar e escola**: uma relação evidente? 1998. Dissertação (Mestrado em Educação e Comunicação) – Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Policopiada, 1998.

_____. A leitura literária na escola pública contemporânea. **Textura Canoas**, n.21-22, p.68-82, 2010.

PORTELLA, O. O. A fábula. UFPR. **Letras**. Curitiba, v.32, p.119-138,1983.

RUMELHART, D. E. “Toward an interactive model of reading”. *In*: DORNICKS. (Org). **Attention and Performace** VI. Hillsdale: Erlbaum, p.573-603, 1977.

SANTOS, C. R. **Ética moral e competência dos profissionais da educação**. São Paulo: Aver Camp, 2004.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J; Colaboradores. **Gêneros orais e escritos**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, E. T. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. J. de; GIROTTO, C. G. G. S.; SILVA, J. R. M. da. Educação literária e formação de leitores: da leitura em si para leitura para si. **Ensino Em Re-Vista**, v. 19, n. 1, jan./jun. 2012.

TAVARES, J. Relações interpessoais numa escola reflexiva. *In*: ALARCÃO, I. (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

THOMÉ, N. **Considerações sobre modernidade, pós-modernidade e globalização nos fundamentos históricos da educação no contestado**. 2003.

Disponível em: < http://www.achegas.net/numero/quatorze/nilson_thome_14.htm>. Acesso em: 05 maio 2015.

VYGOTSKY, L. **Psicologia Pedagógica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZILBERMAN, R. Literatura infantil e introdução à leitura. *In*: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, p. 245 – 253, 2007.

APÊNDICE A – Atividade com o texto a cigarra e a formiga

- 1) Qual o título do texto?
- 2) Quem é o autor?
- 3) Na sua opinião qual a intenção do autor ao contar essa fábula?
- 4) Qual a moral da história?
- 5) O que você aprendeu com ela?
- 6) O que você acha da atitude da formiga quando se recusou a ajudar a cigarra faminta?
- 7) Se você pedisse ajuda e não recebesse como você se sentiria?
- 8) Quando podemos contribuir para melhorar a vida de alguém estamos ajudando a melhorar a nossa própria vida. Você concorda com isso?
- 9) Conte a história com suas palavras
- 10) Faça desenhos que ilustrem o texto que você leu.

APÊNDICE B – Atividade com a fábula a formiga boa

- 1) Qual o título da história?
- 2) De acordo com o título como você acredita que será a história?
- 3) Quem são os personagens?
- 4) Qual a atitude da cigarra?
- 5) O que fez a formiga boa?
- 6) O que você acha da atitude da formiga boa?
- 7) Se você estivesse no lugar da formiga o que você faria? Ajudaria ou deixava que a cigarra morresse sozinha?
- 8) Conte a história com suas palavras
- 9) Em sua opinião qual a Moral da história?
- 10) Faça uma comparação entre os dois textos que você leu. Compare a atitude da formiga e da formiga boa. Qual para você é mais interessante? Qual das formigas fez o que você faria, se estivesse no lugar dela?

APÊNDICE C – Atividade com a fábula os porcos espinhos

- 1) Qual o título do texto? Quem escreveu?
- 2) Quando e onde aconteceu a história?
- 3) Quem são os personagens?
- 4) O que aconteceu com os porcos espinhos pode acontecer com qualquer um de nós?
- 5) A história mostra que os porcos espinhos se feriram por estar perto, mas precisavam ficar juntos para sobreviver. Você acha que isso acontece com o ser humano?
- 6) Você acredita que podemos nos ajudar e nos proteger ajudando uns aos outros?
- 7) Também podemos ferir e magoar as pessoas que estão mais próximas de nós, como fala o texto? Quem são essas pessoas que estão mais perto de nós?
- 8) O que podemos fazer para não ofender, magoar, deixar tristes as pessoas que fazem parte da nossa vida?
- 9) Dos sentimentos humanos como, por exemplo, amor, respeito, solidariedade, amizade, qual você considera mais importante? Comente sobre isso
- 10) Qual a moral da história que essa fábula nos traz?
- 11) Conte com suas palavras e crie outro final para a história.

ANEXO A – Plano de intervenção

Turma: 6º ano

Quantidade de alunos: 22

Hora aula: 45 minutos

Assunto: Fábulas

Aula I

1º passo: Abordar o gênero fazendo apresentação. Por que estudar o gênero a proposta é leitura compreensão e produção textual objetivando produzir textos que pertençam ao referido gênero.

2º passo: Relembrar o que já conhecem, já sabem a respeito de gênero

3º passo: Elaborar questionamentos que suscitem debates e discussões acerca da moral ou ensinamentos das fabulas. Questionamentos que podem sofrer alterações ou serem flexibilizados, mediante a participação da turma.

Aula II – Trabalhando a fábula A cigarra e a formiga

1º passo: Retomando o assunto fábula

2º passo: Fazer a narração da fábula

3º passo: Oportunizar leitura silenciosa

4º passo: Questões relacionadas ao texto. Produção escrita

Aula III – Comentar suas produções discutir suas dificuldades no que diz respeito a escrita.

Solicitar que sejam feitas novas produções

Aula IV – A formiga boa

1º passo: leitura compartilhada

2º passo: Oportunizar debates através de questionamentos. Ação mediadora.

3º passo: solicitar produção para posteriores análises

4º passo: Identificar se o texto foi compreendido (através de questionamentos)

5º passo: solicitar produção textual.

Aula V- Os porcos espinhos

1º passo: conversar com os alunos sobre a fábula e começar adiantando o título

2º passo: Distribuir entre os alunos os textos os porcos espinhos

3º passo: produção escrita do que eles entendem sobre fábulas que você entendeu do texto? Fale sobre isso.

4º passo: solicitar produção escrita, texto sobre fabula.

ANEXO B – Fábula a cigarra e a formiga

Num dia de quente de verão, uma alegre cigarra estava a cantar e a tocar o seu violão, com todo o entusiasmo. Ela viu uma formiga a passar, concentrada na sua grande labuta diária que consistia em guardar comida para o inverno.

"D. Formiga, venha e cante comigo, em vez de trabalhar tão arduamente.", desafiou a cigarra "Vamo-nos divertir."

"Tenho de guardar comida para o Inverno", respondeu a formiga, sem parar, "e aconselho-a a fazer o mesmo."

"Não se preocupe com o inverno, está ainda muito longe.", disse a outra, despreocupada. "Como vê, comida não falta."

Mas a formiga não quis ouvir e continuou a sua labuta. Os meses passaram e o tempo arrefeceu cada vez mais, até que toda a Natureza em redor ficou coberta com um espesso manto branco de neve.

Chegou o inverno. A cigarra, esfomeada e enregelada, foi a casa da formiga e implorou humildemente por algo para comer.

"Se você tivesse ouvido o meu conselho no Verão, não estaria agora tão desesperada.", ralhou a formiga. "Preferiu cantar e tocar violão?! Pois agora dance!"

E dizendo isto, fechou a porta, deixando a cigarra entregue à sua sorte.

ANEXO C – Fábula A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

– Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

– Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

– E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

– Eu cantava, bem sabe...

– Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

ANEXO D – Fábula do Porco espinho

Durante a era glacial, muitos animais morriam por causa do frio. Os porcos-espinhos, percebendo a situação, resolveram se juntar em grupos, assim se agasalhavam e se protegiam mutuamente, mas os espinhos de cada um feriam os companheiros mais próximos, justamente os que ofereciam mais calor.

Por isso decidiram se afastar uns dos outros e voltaram a morrer congelados, então precisavam fazer uma escolha: ou desapareceriam da Terra ou aceitavam os espinhos dos companheiros.

Com sabedoria, decidiram voltar a ficar juntos. Aprenderam assim a conviver com as pequenas feridas que a relação muito próxima podia causar, já que o mais importante era o calor do outro. E assim sobreviveram.

Moral da História: O melhor relacionamento não é aquele que une pessoas perfeitas, mas aquele onde cada um aprende a conviver com os defeitos do outro e consegue admirar suas qualidades...

Questões 20/04/2018 Aluno: Ana Maria 6^o B

Aluno: 2

- 1- Qual o título do texto? Os porcos espíritos.
- 2- Quando e onde aconteceu a história? Aconteceu durante uma era glacial. Quando estávamos de férias em um sítio.
- 3- Quem são os personagens? Porcos espíritos, vovó.
- 4- Conte a história em suas palavras. No certo dia uma pequena formiguita muito inteligente, estava muito fria, mas muito feliz. Todos animais moravam em um sítio das formiguitas, as duas formiguitas que não foram encontradas com a formiguita inteligente, estavam com muito frio. Todas as formiguitas se agruparam e ficaram todas juntas, assim uma morou de frio.
- 5- O que aconteceu com os porcos espíritos depois de conhecerem com os porcos?

Resposta: A temperatura daqui às vezes é quente e às vezes fria.

6- Você acredita que juntos podemos nos ajudar e nos protegermos?

Sim. Podemos fazer o mundo melhor e nos ajudar também.

7- Você acha que às vezes podemos ferir, magoar nossos amigos? Como?

Sim. Com poucas palavras e gestos podemos magoar assim uma pessoa amiga assim.

8- O que podemos fazer para não ofender, magoar, deixar outras pessoas? Dê exemplos.

Tratar com respeito, amar, gostar, perdoar.

Questões 20/04/2018 Aluno: 2

- 1- Qual o título do texto? Os porcos espíritos.
- 2- Quando e onde aconteceu a história? Aconteceu durante uma era glacial em um sítio.
- 3- Quem são os personagens? Os porcos espíritos.
- 4- Conte a história em suas palavras.

Porco Espírito									
Uma									
formiguita									
que não									
foi encontrada									
com a formiguita									
inteligente									
estava com muito									
frio									

- 5- O que aconteceu com os porcos espíritos depois de conhecerem com os porcos? Sim, porque a temperatura aqui às vezes baixa e às vezes alta.
- 6- Você acredita que podemos nos ajudar e nos protegermos? Sim, porque quem tem amizade é amoroso(a).
- 7- Você acha que às vezes podemos ferir, magoar nossos amigos? Sim, por que às vezes podemos fazer algo que essa pessoa não goste e fique chateada(a).
- 8- O que podemos fazer para não ofender, magoar, deixar outras pessoas? Tratar com muito respeito e carinho e não falar bobagens.

